



O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DE TÉCNICAS TRADICIONAIS DE BORDADO MANUAL

Uma análise sobre o Clube do Bordado

Mayara Abou Jaoude
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

MAYARA ABOU JAOUDE

**O papel das redes sociais na preservação e difusão de técnicas tradicionais
de bordado manual: uma análise sobre o Clube do Bordado**

SÃO PAULO
2023

MAYARA ABOU JAOUDE

**O papel das redes sociais na preservação e difusão de técnicas tradicionais
de bordado manual: uma análise sobre o Clube do Bordado**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e
Turismo da Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar de Oliveira

SÃO PAULO
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Jaoude, Mayara Abou

O papel das redes sociais na preservação e difusão de técnicas tradicionais de bordado manual: uma análise sobre o Clube do Bordado / Mayara Abou Jaoude; orientador, Paulo Nassar. - São Paulo, 2023.

73 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo /
Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São
Paulo.

Bibliografia

1. Bordado manual. 2. Redes sociais. 3. Narrativas. 4.
Comunidade. I. Nassar, Paulo. II. Título.

CDD 21.ed. -

659.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho e muito mais à minha irmã, Millena Jaoude, que me alegra, surpreende, ensina e inspira todos os dias, desde o momento em que entrou na minha vida. Se podemos ser um pouco melhores a cada dia, ela é o motivo que me faz querer ser melhor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Adriana de Moraes Daniel e Eed Jaoude, que sempre me ensinaram o valor da dedicação, seja ela aos estudos, ao trabalho, à casa, às pessoas ou ao bordado. Sonhei o sonho da universidade com eles, e hoje o realizo, com muito orgulho, por nós três. Amo vocês.

Aos meus avós, Dona Cila e Seu Daniel, e aos meus tios André e Alexandre de Moraes Daniel, meus lares em Peruíbe, Santos e São Paulo, por torcerem por mim todos os dias e vibrarem pelas pequenas e grandes conquistas. Por onde for, levo um pouco de vocês comigo.

Às minhas amigas, obrigada por todo apoio e momentos felizes. Em especial à Victoria Monroe, Mariana Guelfi e Mariana Eugênio, com quem dividi toda minha trajetória na Escola de Comunicações e Artes e o apartamento 31. Uma das sortes dessa vida foi encontrar vocês.

Aos meus professores da Escola Divina Providência, por me darem a base fundamental para chegar na Universidade de São Paulo e por sempre incentivarem a aluna que bordava nas aulas.

Ao professor Paulo Nassar, por não hesitar em orientar esse trabalho com um tema que tanto amo e me mostrar um lado das Relações Públicas repleto de afeto e significado.

Por fim, ao Clube do Bordado, por me ensinar mais do que uma técnica, uma verdadeira paixão, uma parte da minha identidade. Há 8 anos, quando bordei meu primeiro bastidor, não previ que meu trabalho de conclusão de curso seria sobre bordado, mas nada faria mais sentido. Daqui em diante, direi que sou bordadeira e RP.

RESUMO

O TCC de Mayara Abou Jaoude analisa o papel das redes sociais na preservação e difusão de técnicas tradicionais de bordado manual, com foco no Clube do Bordado. A pesquisa envolveu revisão bibliográfica, análise de conteúdo nas redes sociais do clube e entrevistas com suas fundadoras, alunas e seguidoras. Destaca-se o risco de desaparecimento das técnicas tradicionais, mas ressalta-se que as redes sociais têm sido cruciais para sua preservação. O estudo de caso do Clube do Bordado exemplifica como as redes sociais contribuem para a difusão global, formando uma comunidade de bordadeiras. As entrevistas enriquecem a pesquisa com perspectivas autênticas, integrando teoria e prática. Em síntese, a pesquisa evidencia o papel vital das redes sociais na formação de comunidades e na preservação e difusão de práticas tradicionais de bordado manual.

Palavras-chave: Redes Sociais; Bordado Manual; Narrativas; Comunidade.

ABSTRACT

Mayara Abou Jaoude's thesis aims to analyze the role of social media in the preservation and dissemination of traditional manual embroidery techniques, with a case study on the Clube do Bordado. The research involved a literature review, content analysis of Clube do Bordado's social media, and interviews with its founders, students, and followers. It emphasizes the risk of disappearance of traditional techniques but highlights that social media has been crucial for their preservation. The Clube do Bordado case study exemplifies how social media contributes to global dissemination, forming a community of embroiderers. Interviews enrich the research with authentic perspectives, integrating theory and practice. In summary, the research highlights the vital role of social media in community formation and the preservation and dissemination of traditional manual embroidery practices.

Keywords: Social Networks; Hand Embroidery; Narratives; Community.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Detalhe de aplique e painel bordado de peça de roupa de linho encontrada no túmulo de Tutancâmon no início do século XIV a.C. 2	34
FIGURA 2 - Fragmento de bordado chinês da tumba nº 1 de Chu em Mashan, Jiangling, província de Hubei. Período dos Reinos Combatentes, 475-221 a.C.). Desenho tigre em ponto corrente.	35
FIGURA 3 - Publicação no Instagram de bordado em tule feito por Kathrin Marchenko, bordadeira russa que cresceu na Ucrânia e hoje está baseada em Nova Iorque.....	40
FIGURA 4 - Publicação no Instagram de bordado feito pela bordadeira japonesa conhecida pelo username Ipnot. A artista é conhecida pela produção de bordados em relevo que utilizam apenas o ponto nó francês.	41
FIGURA 5 - Publicação no Instagram de técnica de bordado urbano feito pelo coletivo Meio Fio em que está escrito “Marielle Vive”. A intervenção foi realizada na cidade de Santos quando se completaram 5 anos do assassinato da vereadora e ativista Marielle Franco.	42
FIGURA 6 - Publicação no Instagram de membros do coletivo Meio Fio realizando a intervenção de bordado urbano “Marielle Vive”.....	43
FIGURA 7 - Bordado Casal Tatuado que fez parte da coleção soft porn do Clube do Bordado na feira PopPorn em 2014.	48
FIGURA 8 -configuração atual de sócias-fundadoras do Clube do Bordado.	49
FIGURA 9 - exemplo de risco da assinatura mensal do Clube do Bordado.....	49
FIGURA 10 - Curso do Clube do Bordado ministrado no projeto itinerante Circuito Sesc de Artes.	50
FIGURA 11 - Relato de Milena Aphner, seguidora e aluna do Clube do Bordado, publicado no Instagram.	53
FIGURA 12 - ESQUEMA que exemplifica os diferentes níveis de possíveis de memória e identidade na comunidade do Clube do Bordado.....	54
FIGURA 13 - Encontro em comemoração aos 10 anos do Clube do Bordado no Parque do Povo em São Paulo.	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	14
3 TECENDO CONEXÕES - COMUNIDADE, MEMÓRIA E RITUAIS NA ERA DIGITAL	17
3.1 Comunidade	17
3.2 Memória e Identidade.....	19
3.3 Tradições e Rituais	21
3.4 Narrativa: onde ritual e comunicação se encontram	23
3.5 Ritual, Narrativa e Afeto versus Redes Sociais	26
4 O BORDADO MANUAL COMO MATERIAL CULTURAL, CRIATIVO E COMUNICADOR.....	34
4.1 A técnica de bordado manual e bordado livre	34
4.2 Um olhar ritualístico sobre o bordado manual.....	37
4.3 O bordado manual nas redes sociais	40
5 O CLUBE DO BORDADO - UM CASO DE AGULHAS, NARRATIVAS E PIXELS	47
5.1 O Clube do Bordado	47
5.2 Análise do caso	51
6 CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE A	65
APÊNDICE B	71

INTRODUÇÃO



1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea, marcada pela generalização da tecnologia digital, testemunha uma dinâmica e profunda reconfiguração das práticas culturais e comunitárias, especialmente no que diz respeito à preservação e transmissão de técnicas tradicionais. Sob a luz da teoria sobre memória coletiva, comunicação, rituais, tradições e narrativas, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar de maneira aprofundada o papel das redes sociais nesse contexto, focalizando sua contribuição fundamental para a preservação e disseminação de técnicas tradicionais de bordado manual. O fenômeno analisado é a comunidade online, grupo de mulheres e empresa "Clube do Bordado", um exemplo paradigmático de como a interseção entre o espaço virtual e o mundo físico pode proporcionar uma plataforma dinâmica para a perpetuação de práticas artesanais que, de outra forma, poderiam ser eclipsadas pelo avanço da modernidade e da mecanização.

A escolha do bordado manual como objeto de estudo não é arbitrária, mas sim uma reflexão consciente da necessidade de direcionar a atenção para práticas artesanais muitas vezes marginalizadas pela sociedade tecnológica contemporânea e inexploradas pelas gerações mais jovens. A tradição do bordado, rica em simbolismo cultural e história, passou por desafios significativos devido à rápida transformação dos modos de vida e de produção. Este trabalho, ao investigar o Clube do Bordado, busca não apenas compreender como as redes sociais se tornaram facilitadoras essenciais para a preservação cultural, mas também destaca a capacidade de reinvenção e adaptação dessas práticas em um ambiente virtual.

Além disso, a pesquisa também aborda o caráter ritualístico do bordado manual, explorando como essa prática transcende a mera execução técnica para se tornar um processo carregado de significado simbólico e identitário. Ao explorar as interações dentro do Clube do Bordado, pretende-se identificar os mecanismos pelos quais a comunidade online facilita a troca de conhecimentos, a preservação da autenticidade das técnicas tradicionais e, ao mesmo tempo, a incorporação de elementos inovadores. Nesse sentido, este estudo se insere no debate mais amplo sobre a coexistência harmoniosa entre tradição e tecnologia, desafiando dicotomias simplistas e propondo uma abordagem mais complexa e integrativa para a preservação do patrimônio cultural e da memória coletiva ancestral na era digital.

METODOLOGIA



2 METODOLOGIA

O presente trabalho de conclusão de curso em Relações Públicas adotou uma metodologia que se fundamenta em uma abordagem interdisciplinar, visando a compreensão aprofundada do fenômeno ritualístico e identitário que envolve a técnica de bordado manual. A pesquisa foi norteada por uma revisão bibliográfica abrangente, explorando a interseção entre comunicação, rituais, redes sociais e a prática do bordado manual.

O primeiro passo metodológico consistiu na pesquisa extensiva de literatura especializada. A análise crítica de obras que abordam a comunicação contemporânea, os rituais simbólicos presentes nas interações humanas, a dinâmica das redes sociais e a ressignificação do bordado manual como expressão cultural contemporânea permitiram estabelecer um embasamento teórico sólido. A pluralidade desses campos trouxe uma compreensão holística, permitindo uma análise mais profunda das dinâmicas de comunicação e narrativas no contexto específico do Clube do Bordado.

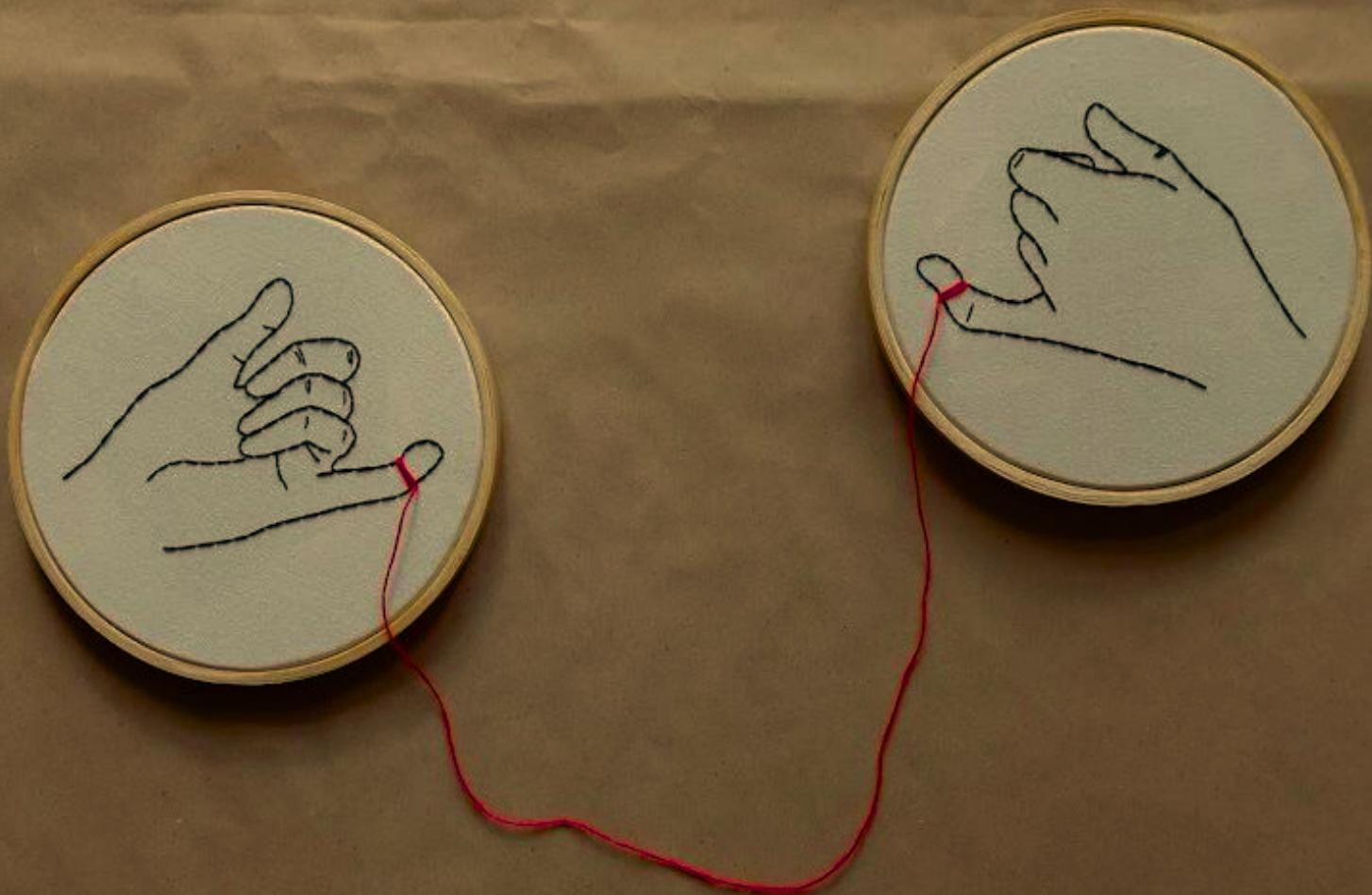
Posteriormente, o estudo de caso do Clube do Bordado foi adotado como estratégia para aplicação prática da teoria. A comunidade online foi escolhida por representar um fenômeno comunicacional relevante, onde as participantes compartilham experiências, aprendizados e criam uma teia de significados em torno da prática do bordado. A análise envolveu observação participante nas interações online, identificação de rituais simbólicos presentes e o mapeamento das dinâmicas comunicacionais únicas da comunidade.

Além disso, a pesquisa incluiu a realização de entrevistas com as sócias-fundadoras do Clube do Bordado e participantes/alunas das atividades. Essa abordagem qualitativa permitiu a coleta de insights valiosos sobre as motivações e experiências das envolvidas. As entrevistas não apenas proporcionaram uma compreensão mais profunda da dinâmica interna do Clube, mas também enriqueceram a pesquisa com narrativas autênticas e perspectivas pessoais.

Dessa forma, a metodologia adotada neste projeto de TCC buscou integrar a teoria e a prática, utilizando a literatura especializada como base conceitual e o estudo de caso e entrevistas como ferramentas para contextualização e aplicação. Essa abordagem interdisciplinar oferece uma compreensão mais robusta e abrangente da relação entre redes sociais e preservação de rituais, contribuindo para

o campo das Relações Públicas ao explorar novas formas de construção de comunidades e significados em ambientes digitais.

TECENDO CONEXÕES - COMUNIDADE, MEMÓRIA E RITUAIS NA ERA DIGITAL



3 TECENDO CONEXÕES - COMUNIDADE, MEMÓRIA E RITUAIS NA ERA DIGITAL

3.1 Comunidade

No existir coletivo, toda experiência, sensação, descoberta, frustração, hábito, técnica, entre outras inúmeras possibilidades do caminhar humano, estão suscetíveis a serem intercambiadas ou passadas adiante em um movimento de coletivização das vivências individuais e construção orgânica e espontânea de um conjunto de lembranças em comum. Ao dividir espaços, rotinas, círculos sociais, datas especiais, um grupo de indivíduos - ainda que esses particularmente detenham características psicológicas, físicas e econômicas muito diversas - acumulam uma bagagem compartilhada em relação aos acontecimentos vividos ou presenciados. Esse movimento é intrínseco à natureza social do homem que, conscientemente ou não, passa toda a vida inserido em comunidades.

O Oxford English Dictionary possui 23 diferentes definições para a palavra “comunidade” e é comum a muitas delas o destaque para a proximidade física dos indivíduos (o compartilhamento de um lugar específico), para o compartilhamento de uma cultura ou religião e para o sentimento de afinidade entre eles e seus interesses¹. As três circunstâncias combinadas podem, de fato, ser facilitadoras do surgimento e permanência de uma comunidade, e a harmonia física e de crenças tornam muito perceptíveis as relações comunitárias, entretanto o foco neste trabalho está voltado para a terceira circunstância isoladamente e seus efeitos.

Émile Durkheim coloca que o homem faz parte de duas sociedades paralelas de forma concomitante definidas por duas formas distintas de interação, denominadas pelo autor como “solidariedade mecânica” e “solidariedade orgânica”². A sociedade de solidariedade mecânica traduz a estrutura social delimitada pela semelhança de valores e pela proximidade, em que o indivíduo está ligado direta e incontestavelmente à sociedade³. Essa comunidade é colocada pelo autor como

¹ OXFORD ENGLISH DICTIONHARY. Disponível em:
https://www.oed.com/dictionary/community_n?tab=meaning_and_use

² DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução. Eduardo Brandão. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 106-109

³ DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução. Eduardo Brandão. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 106

detentora de uma consciência coletiva que coexiste com a consciência individual, mas que, quando em seu apogeu, recobre exatamente a consciência individual, ou seja, “essa solidariedade só pode crescer na razão inversa da personalidade” (Durkheim, E. 1999, p. 106). Já a sociedade de solidariedade orgânica é movida pela dependência funcional entre indivíduos, dado que individualmente não somos detentores de todas as funções e profissões, e esta “só é possível se cada um tiver uma esfera de ação própria, por conseguinte, uma personalidade” (Durkheim, E. 1999, p. 108). Ainda que o sociólogo proponha que naturalmente façamos parte de ambas as formas sociais ao mesmo tempo e exerçamos as consciências por ele denominadas como coletiva e individual, a complexidade da personalidade e do pensamento humano cria a possibilidade de permear diversas outras comunidades, operando o coletivo e o individual em diferentes níveis em cada uma dessas esferas.

Fazer parte de uma comunidade é, em primeiro lugar, criar laços de identificação com outros indivíduos. A identificação pode partir não só da proximidade física, da dependência funcional e da semelhança de crenças (sejam essas normativas, religiosas ou morais) mas também de interesses arbitrários individuais. Além disso, é possível que uma pessoa faça parte de uma comunidade diferente para cada um dos cenários citados acima, como, por exemplo, de uma associação de condomínio, de uma igreja de uma determinada religião, de um grupo internacional que se mobiliza para voluntariar para causas sociais, de um clube de uma determinada modalidade esportiva, de um fórum virtual sobre tecnologia e de um grupo musical. É evidente que Durkheim trata de uma sociedade pré-globalização, em que as distâncias físicas exerciam poder decisivo quanto a grupos de convívio, porém, ainda que todos os exemplos dados ocorressem dentro da mesma cidade, cada uma dessas comunidades teria um tamanho e operação próprios que resultem em diferentes níveis de influência e consciência do coletivo e do individual, configurando solidariedades múltiplas, além de conterem diferentes níveis de afinidade entre os integrantes - e não necessariamente precisa existir afeto entre eles. Embasados em seus diferentes contextos sociais, cada um desenvolve e armazena uma percepção própria sobre o grupo, sobre si próprio, sobre o grupo em relação a outros grupos, sobre si em relação aos demais integrantes, etc. Segundo Maurice Halbwachs:

dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles [os homens]. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios⁴

Portanto, esse conjunto vivo de percepções se alimenta constantemente da bagagem de lembranças de percepções que aquele grupo detém e também serve à essa bagagem em um fluxo constante e de mão dupla, moldando o presente e, consequentemente, o passado e futuro daquela comunidade.

3.2 Memória e Identidade

O desenvolvimento, manutenção e perpetuação dessa bagagem figurativa de uma comunidade, até o ponto em que esta alcança tamanha consonância com o grupo que se torna capaz de identificá-lo, traduzi-lo e evocar um reconhecimento involuntário em seus integrantes, configura a memória coletiva dessa comunidade. Tanto a memória coletiva quanto a memória individual estão fortemente ligadas à percepção do indivíduo sobre si mesmo, porém de diferentes formas. A memória individual, o marco de uma lembrança, ainda que construído inevitavelmente sob influência dos coletivos em que o indivíduo está inserido, se cria mais rapidamente e de forma mais operativa à medida que depende da assimilação apenas individual e carrega as emoções particulares desse indivíduo. Já a memória coletiva não carrega uma emoção em si, mas sim evoca no indivíduo uma emoção gerada a partir da percepção desse indivíduo sobre a memória e sobre si em relação a memória.

Em suma:

a memória coletiva [...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.⁵

⁴ HALBWACHS, Maurice., **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990, p. 51

⁵ HALBWACHS, Maurice, **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990, p.53-54

A memória coletiva atravessa o plano individual, em que as lembranças são apenas do ser único, o plano coletivo factual, em que as lembranças são compartilhadas entre os indivíduos a nível de informação, e alcança o plano coletivo interpretativo, em que a memória diz mais sobre a compreensão do grupo sobre as lembranças do que sobre as lembranças em si. Para Jöel Candau, em *Memória e Identidade*:

A expressão ‘memória coletiva’ é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo. Essa metamemória não tem o mesmo estatuto que a metamemória aplicada à memória individual: nesse caso é um enunciado relativo a uma denominação - ‘memória’ - ao que designa - uma faculdade atestada - ‘como a etiqueta em relação à garrafa’, enquanto no que se refere ao coletivo é um enunciado relativo a uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças.⁶

Ademais, dado que a memória coletiva advém das percepções de lembranças generalizadas compartilhadas por um grupo, o antropólogo também coloca que o nível de pertinência da representação traduzida pela memória coletiva é inversamente proporcional ao tamanho da comunidade a que ela se refere⁷. Ou seja, segundo o autor, comunidades menores tendem a produzir memórias coletivas mais semelhantes às percepções de realidade de todos os integrantes. Entendendo que um indivíduo pode fazer parte de diferentes comunidades, de diferentes tamanhos, ao mesmo tempo, é possível que este se relacione com uma série de memórias coletivas e se identifique em diferentes níveis com cada uma delas, moldando, assim, uma complexidade individual única.

E, mesmo que passe por adaptações no decorrer da existência de uma comunidade, a memória coletiva é estável devido ao seu caráter perene, e comunica essa estabilidade ao indivíduo, gerando uma relação de confiança. Além disso, essa continuidade confere à memória coletiva a condição de ponte entre passado e presente e, consequentemente, de transmissora identitária e de conhecimentos. Mais do que os marcos cronológicos de seu passado e de seus antecessores, o

⁶ HALBWACHS, Maurice, **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990, p. 24-25

⁷ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p.44

indivíduo particular encontra na memória coletiva sua ancestralidade, sua herança de sentidos, as origens e influências de comportamentos, sentimentos e pensamentos que moldam seu entendimento sobre si, sua identidade. Dessa forma, a memória coletiva em sua forma muito mais intrínseca que um simples alistamento de fatos ocorridos, toca diretamente na identidade do sujeito. Segundo Candau, “[...] não é seguro que apenas o domínio de receitas, de doutrinas pedagógicas e um didatismo genuíno sejam suficientes para ‘fazer uma memória’”⁸ e, ainda, “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo”.⁹

Mesmo assim, o passar adiante as técnicas manuais, ideologias e conhecimentos categóricos pertencentes à comunidade configura um coeficiente essencial na construção da memória e da transmissão significativa, principalmente quando essas práticas já levam em si um caráter de relembrança, de acúmulo de experiência, como veremos mais adiante.

3.3 Tradições e Rituais

Para além de fotografias posadas e apego material a objetos antigos, a memória coletiva se constrói a partir das características, comportamentos, aprendizagens, habilidades e sentimentos que intrinsecamente estão ligados e representam o grupo a que ela se refere, sendo um produto social abrangente e longevo, que demanda tempo e frequência para se desenvolver e enraizar. Dentre os elementos que integram a memória coletiva, os rituais e as tradições desempenham um papel essencial no exercício e transmissão da memória de uma comunidade.

As tradições, em relação aos rituais, são coleções mais extensivas de resgate de heranças compostas de variados elementos expressivos que, aplicadas no presente, traduzem um movimento de ordenação e reprodução de significados para determinada comunidade, sem uma duração limitada e configurando uma parte contínua da identidade cultural e social desse grupo. Os rituais, por outro lado, são mecânicas específicas da memória que possuem um objetivo específico e,

⁸ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p.118

⁹ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p.118

geralmente, têm uma duração limitada e são realizados em momentos específicos. Eles podem ser breves ou durar horas, mas têm um começo e um fim definidos. Estes também possuem seus significados atrelados a particularidade de cada comunidade, mas, ao contrário da larga amplitude da tradição, o ritual é pontual, com conjunturas e cenários cadenciados. São a expressão elementar da memória e permeiam a sociedade desde a primeira história ou o primeiro conhecimento - empíricos ou alegóricos, cotidianos ou epopeicos - dignos de serem contados e transmitidos a um outro alguém.

Uma tradição pode, inclusive, conter diversos rituais em sua estrutura, como é possível observar em alguns âmbitos familiares, por exemplo, no natal católico. É comum que cada família possua sua própria comemoração tradicional nesta data, e que essa tradição inclua rituais como o preparar de uma receita específica passada entre gerações, um momento de oração recorrente todos os anos, o jantar todos juntos em um lugar específico. Seja um ritual palpável, como o de cozinar, até um ritual imaterial, como o estar junto em determinada data e local, ambos transmitem as memórias, desde que preservem a cadência de significados e não se tornem reproduções automáticas.

O filósofo Byung-Chul Han define os rituais como “*técnicas simbólicas de encasamento*. Transformam o estar-no-mundo em um *estar-em-casa*”¹⁰ e coloca que “a repetição é característica essencial do ritual. Ela se distingue da rotina pela sua capacidade de produzir uma intensidade”¹¹. A partir disso, Han expõe a carga significativa do ritual, que vai muito além de reproduzir inconscientemente, e ainda cita o filósofo Søren Kierkegaard ao tratar do paralelo entre ritual e lembrança:

Repetição e lembrança constituem o mesmo movimento para Kierkegaard, mas em direções opostas. O que é lembrado é algo passado, sendo ‘repetido para trás’, enquanto a repetição autêntica ‘lembra para frente’. A repetição como reconhecimento é, portanto, uma forma de união, de término. Passado e futuro são unidos em um presente vivo. Como forma de união promove duração e intensidade. Zela para que o tempo permaneça¹².

¹⁰ HAN, Byug-Chul, *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. São Paulo: Vozes, 2021.p.10

¹¹ HAN, Byug-Chul, *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. São Paulo: Vozes, 2021., p.20

¹² HAN, Byug-Chul, *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. São Paulo: Vozes, 2021, p.21

O ritual, assim, não carrega as lembranças em um movimento de esteira fordista, mas sim utiliza dos vínculos significativos e identitários de uma comunidade para entranhar e fazer permanecer os significados através das novas gerações.

Uma visão pragmática assinala que a passagem dos valores mais profundamente arraigados de uma cultura de uma geração para outra tem no ritual um processo facilitador e educativo. Rituais podem ser vistos como performance, sempre balizado pela cultura local, com envolvimento de audiência e do poder organizacional¹³.

Essa capacidade do ritual de permear o âmago e moldar realidades que vieram, que vêm e que virão permite que vejamos nele a proximidade com a comunicação e o poder formador das narrativas, como exposto no tópico seguinte.

3.4 Narrativa: onde ritual e comunicação se encontram

No campo da comunicação e das Relações Públicas, o conceito de narrativa vai além do substantivo sinônimo de história, relato, prosa ou ficção. Mais do que a explanação de um conjunto de acontecimentos reais ou fictícios, a narrativa para a comunicação é a intenção por trás do que está sendo dito, é o fio condutor de ideias e propósitos, trabalhado através dos canais e maneiras precisamente escolhidos para transmitir o que está sendo dito. A narrativa envolve os indivíduos participantes do diálogo, constrói, edita e adapta a realidade em que se insere, configurando, assim, uma competência interativa, identitária e de grande peso memorial. Isso pois, segundo Paulo Nassar, Luiz Alberto de Farias e Emilia Pomarico, “mais do que saber construir e contar as suas histórias, o ser humano construiu a si e as suas sociedades pela permanência no tempo milenar de suas narrativas”¹⁴.

¹³ NASSAR, Paulo e FARIAS, Luiz Alberto de e RIBEIRO, Emilia Pomarico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia.** Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Tradução: Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019. p. 8.

¹⁴ NASSAR, Paulo e FARIAS, Luiz Alberto de e RIBEIRO, Emilia Pomarico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia.** Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Tradução: Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019. p. 4.

Ao contrário de apenas repassar informações isoladas que não suscitam laços significativos, a comunicação e a narrativa se conectam à memória coletiva à medida em que podem estruturar canais de vínculo entre os indivíduos e suas existências e criar a possibilidade de deixarem uma marca apesar da passagem do tempo. Em um movimento de rede que se prolonga frequentemente, a comunicação possibilita a troca de experiências em diversas direções, criando narrativas ricas que estão sempre alimentando e sendo alimentadas pelos contextos e as comunidades com que se relacionam, sejam elas grandes ou pequenas, globais ou familiares. Nassar, Farias e Pomerico colocam que:

as milenares narrativas religiosas da Bíblia, de Buda, de Confúcio; as narrativas filosóficas iluministas de Diderot, Rousseau, Lavoisier; as narrativas políticas de Marx e Engels, dentre tantas outras, são agregadoras de sentimentos e criadoras de vínculos fortes, em uma escala que começa em laços entre pessoas próximas até a união entre bilhões de pessoas, que jamais se viram ou partilham um mesmo tempo, um mesmo território, uma mesma cultura.¹⁵

Os autores ainda trazem o papel moderador e estabilizador das narrativas, explorado por Joseph Campbell, frente aos grandes questionamentos que permeiam e provocam o viver humano:

O que é o universo? Qual é sua data fundadora? Qual é sua dimensão? Quem é Deus? O que é a vida? O que é a morte? As narrativas nessas dimensões de tempo e de espaço são apaziguadoras, nos acalmam, nos orientam diante da existência, do cosmo, do universo, em meio aos acontecimentos irreversíveis, como a morte, e principalmente durante as grandes crises, as grandes perdas, as grandes transformações.¹⁶

A partir desse olhar sobre as narrativas, podemos entender que ritual e narrativa se aproximam quanto ações de conexão e permanência. Ambos são

¹⁵ NASSAR, Paulo e FARIAS, Luiz Alberto de e RIBEIRO, Emilia Pomerico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia.** Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Tradução: Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019, p. 5.

¹⁶ NASSAR, Paulo e FARIAS, Luiz Alberto de e RIBEIRO, Emilia Pomerico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia.** Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Tradução: Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019, p. 5.

geradores de equilíbrio entre homem e meio, de retorno ao passado e avanço contínuos, de um senso de atemporalidade e identificação. Não apenas se aproximam, como os rituais se fazem narrativas em seus mais diversos formatos, visto que cada ritual possui intencionalidade, possui mídias específicas (espaços físicos, trejeitos, etapas, técnicas), geram momentos e contextos de identificação e conexão e espaços de significados, modificando o estar-no-mundo colocado por Byung-Chul Han¹⁷, tal qual as narrativas comunicacionais. Segundo Nassar, Farias e Pomarico:

O ritual como narrativa se apresenta em texto, em corpos, em performance de atores, em voz (palavras, murmúrios e cantos), em imagens ou canto, mais a marcação obrigatória - a partir do poder de um sacerdote, xamã, executivo moderno - do espaço (o anfiteatro, a sala do palácio, a oca indígena) onde se desdobra o acontecimento (*decorum*, cerimônia, liturgia, magia, homenagem,...). Ritual sempre caracterizado por um “eterno retorno” (repetição) do que é dito, bem dito, mal dito ou não dito, com intenções de atingir alguma eficácia.¹⁸

Logo, quando tratamos de rituais, tratamos ao mesmo tempo de narrativas com significados intrínsecos aos grupos que exercem o ritual. Nesse cenário, é possível traduzir o ritual como uma experiência tangível e familiar da narrativa e da memória. Nassar e Farias enquadram esse conceito de duas formas:

Os rituais são narrativas construídas por meio de elementos simbólicos (corporais, orais ou não orais) que são marcados pela repetição e pela intenção retórica. Em um primeiro enquadramento conceitual pode-se falar em narrativas de experiência. Estão presentes em todas as culturas, como processos de identificação e afirmação dessas culturas e de seus integrantes. Em um segundo enquadramento conceitual pode-se falar em memórias rituais. Essas narrativas rituais e da experiência - marcadas na memória humana - podem se caracterizar como sagradas ou profanas.¹⁹

¹⁷ HAN, Byug-Chul, **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. São Paulo: Vozes, 2021, p.10

¹⁸ NASSAR, Paulo e FARIAS, Luiz Alberto de e RIBEIRO, Emiliiana Pomarico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia**. Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Tradução: Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019, p. 6-7.

¹⁹ NASSAR, Paulo e FARIAS, Luiz Alberto de e RIBEIRO, Emiliiana Pomarico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia**. Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Tradução: Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019, p. 8.

Assim, os rituais não são apenas ações repetitivas, mas narrativas concretas com significados arraigados nas comunidades que os praticam, que desempenham um papel crucial na construção de conexões duradouras, no estabelecimento de identidades e na criação de significado em meio à complexidade da existência humana. Eles são uma forma concreta e reconhecível de narrativa e memória, repletos de elementos simbólicos que unem e afirmam culturas e identidades. Portanto, o estudo das narrativas e dos rituais nas relações públicas não é apenas uma exploração do passado, mas uma jornada para entender o presente e moldar o futuro por meio das histórias que contamos e das experiências que compartilhamos.

Entretanto, as formas de compartilhamento têm passado por transformações que devem ser levadas em consideração quando tratando de rituais na atualidade.

3.5 Ritual, Narrativa e Afeto versus Redes Sociais

Quando se coloca em questão o ritual corporal e oral (muito ligado a um espaço físico específico) e a comunicação entre indivíduos (muito fortalecida pelo convívio e intimidade) é preciso considerar o contexto em que a sociedade está inserida atualmente e que afeta essa dinâmica: a era digital. Com o advento da internet durante a Guerra Fria e o início da globalização virtual, as formas de relacionamento e a percepção sobre as distâncias encontraram uma nova realidade baseada em cliques, imagens que independem do papel fotográfico, mensagens digitadas e informações enviadas em segundos. Com a popularização dos smartphones, essas distâncias se encurtaram ainda mais e as informações passaram a atingir quem as recebe ainda mais rápido, dado que o aparelho está sempre ao alcance da mão.

Principalmente devido ao grande número de indivíduos atingidos ao mesmo tempo e em uma fração de segundos, os canais digitais passaram a ocupar um lugar de domínio em detrimento aos canais offline ao configurarem uma nova ferramenta de aceleração do capitalismo, novas vias de consumo desenfreado, um novo espaço para as organizações e uma organização hipertrofiada por si só. Dado que “a comunicação não é um fenômeno organizacional, que pode ser separado do todo, mas é a própria organização”²⁰, a comunicação digital surge como consequência

²⁰ NASSAR, Paulo e FARIA, Luiz Alberto de e RIBEIRO, Emiliiana Pomarico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia.** Tendências em comunicação

inevitável dessa nova forma de organismo, e é marcada pela volatilidade das mensagens e pela impessoalidade nas relações. Byung-Chul Han traduz essas marcas ao dizer que “a digitalização enfraquece em tal medida o vínculo comunitário que surge dela um efeito descorporizante. A comunicação digital é uma comunicação descorporizada”²¹.

Essa drástica mudança de vias e formatos de comunicação afetou profundamente os relacionamentos interpessoais e entre indivíduo e organização ou indivíduo e comunidades, constantemente mediados pela tela. A rapidez crescente no fluxo de informações e diminuição inversamente proporcional da janela de atenção que o cérebro consegue condicionar a cada informação afetou diretamente a intencionalidade na produção da informação e a reação perante a informação recebida. Segundo Nassar e Pomarico:

Os excessos de informações deixam no ar apenas a sensação de algo informado. Encenam um faz de conta sobre a comunicação, em que os protagonistas são conteúdos sem identidades e as principais cenas trazem a liquidação do sentido e a violência exercida contra os afetos, de forma que ‘A informação é cada vez mais invadida por esta espécie de conteúdo fantasma, de transplantação homeopática, de sonho acordado de comunicação’ (BAUDRILLARD, 1991, p.105)²²

As relações são afetadas a partir do momento em que são transformadas em momentos de contato estéril, sem identificação, sem narrativas significativas, sem ligações afetivas com a mensagem. Han entende o mundo digitalizado de hoje como um mundo “desprovido de simbólico” e coloca que “no vazio simbólico, todas as imagens e metáforas que provocam sentido e comunidade e que estabilizam a vida têm se perdido. A experiência da duração tem diminuído. E a contingência aumenta radicalmente.”²³

organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Tradução: Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019, p. 2.

²¹ HAN, Byung-Chul, **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. São Paulo: Vozes, 2021, p.24-25

²² NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Velhas e novas narrativas**. Estética, v.8,2012, p. 1.

²³ **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. São Paulo: Vozes, 2021, p.10

Ou seja, no virtual enxerga-se um movimento informacional que retorna a dinâmica fordista de produção em esteira e em linha reta, serial, sem espaço para trocas multidireccionais e compreensão paciente e simbólica. Sobre isso, Han ainda coloca que:

A percepção serial é *extensiva*, enquanto a percepção simbólica é *intensiva*. Dada sua extensão, sua atenção é rasa. A intensidade dá lugar hoje, em toda parte, à extensão. A comunicação digital é extensiva. Ela não produz relações, mas conexões.

Nesse contexto, os rituais, seus símbolos e significados perdem força e relevância, e ao mesmo tempo observa-se a ascensão dos maus modernos, como a síndrome de FOMO (*fear of missing out* - medo de ficar de fora, em tradução livre), definida pela aversão e inquietação por não se estar ciente e participando de todas as novas tendências, redes, tecnologias e acontecimentos, sempre tomando como comparação os perfis e portais com que se tem conexão no meio virtual. Nassar e Pomarico se aproximam desse conceito quando colocam:

A sensação de que não conseguimos nos manter atualizados com tudo o que ocorre no mundo. O sentimento de culpa sobre as leituras acumuladas e sobre as notícias que não chegaram aos nossos ouvidos. A incapacidade que nos colocamos quando não sabemos explicar um conteúdo. A ilusão de achar que a pessoa ao nosso lado está entendendo tudo e que saberia responder a qualquer questão. O receio em dizer “não sei” e se apresentar desinformado.²⁴

A síndrome é acentuada pelas redes sociais, plataformas de conexão virtual e compartilhamento que caracterizam um dos grandes marcos da atualidade. Acompanhando os avanços social-tecnológicos, as redes sociais já tiveram os mais variados formatos e escopos (compartilhamento apenas de fotos, fotos e poucos textos, apenas textos, apenas vídeos, criação de grupos online e até plataformas multipropósito), em um movimento constante de extinção ou obsolescência da mais antiga e migração para a mais nova, cada vez aderida por mais gerações - ao mesmo tempo em que acentua as diferenças entre elas. Atualmente, algumas diferentes

²⁴ NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Velhas e novas narrativas**. Estética, v.8,2012, p. 2

plataformas coexistem paralelamente, como Instagram, TikTok, YouTube, Twitter, Pinterest e Facebook, e oferecem muitas ferramentas similares, mas também representam audiências, conteúdos e até mesmo credibilidade específicas. Ainda assim, todas são ditadas por sistemas de algoritmos personalizados que se adaptam a forma de consumo de conteúdo do usuário e conferem níveis diferentes de relevância para cada tipo de conteúdo, moldando quase uma disputa entre qual conteúdo será o mais visto, mas com enfoque apenas em números, não em qualidade ou significado do que está sendo transmitido.

Uma outra consequência das redes sociais foi o surgimento da neo-profissão de criador de conteúdo. Ainda que cada criador produza dentro de um nicho de assuntos, as redes sociais suprimiram o valor do especialista, fazendo com o que o profissional de determinada área tenha sua visibilidade e credibilidade ditadas mais pelas habilidades de marketing digital do que pela técnica exercida no *offline*. Para o criador de conteúdo inteiramente voltado para o trabalho digital, o Eu toma o lugar da técnica e o próprio indivíduo se faz conteúdo, tornando indistinto o limite entre informação produzida e essência particular. Dessa forma, é possível entender as redes sociais como catalisadoras do Eu isolado, narcísico, e Han, ao colocar que “*Likes, Friends e Followers* não formam corpos de ressonância. Apenas aprofundam o eco de si mesmo”, mostra que elas caminham no sentido contrário do senso de comunidade, e explica ao afirmar que “o narcisismo crescente impede a experiência de ressonância. A ressonância não é um eco de si mesmo. A ela é inerente a dimensão do outro”.²⁵

O contato constante com as redes digitais, sem a dimensão do outro que está sobreposto por uma tela, sem a identificação com o conteúdo que não gera profundidade nem significado, afeta diretamente a percepção do indivíduo sobre si e sobre si em relação ao mundo. O excesso de estímulos no virtual afeta a capacidade de processamento dos estímulos e de leitura e reação não só no online como também no offline. Nas palavras de Nassar e Pomarico:

Isso indica um contexto de enfraquecimento das experiências, reflexos de pessoas que não possuem mais tempo para comunicar - falar, ouvir, e

²⁵ HAN, Byug-Chul, **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. São Paulo: Vozes, 2021, p.24

interagir - de forma significativa e sobre o que realmente pode ser relevante, algo que de fato modifique mentes e corações, de forma positiva e profunda, cultivando a arte dos encontros e dos afetos, ao invés de causar ansiedade e sentimentos sobre necessidade em ser apenas informantes e informados.²⁶

Quando tratando de afeto e comunicação afetiva, devemos pensar na comunicação pensada para tocar a fundo os envolvidos no diálogo e deixar marcas memoriais e significativas, além de criar âmbitos de pertencimento e troca, comunicação essa que caminha no sentido contrário à fábrica de informação moderna. Os autores colocam que:

O afeto está ligado a sentidos quase que imperceptíveis, transcendentes, mas que se tornam visíveis quando os corpos, sensibilizados, deixam-se afetar e, por isso, conquistam um espaço para se exercer, para agir.[...] Porém, no contexto da abundância e de informações, da velocidade e da efemeridade, os corpos não se encontram preparados - sensibilizados - para receber os afetos. Nada os afeta profundamente porque nada lhes dá um sentido verdadeiramente relevante para lhes causar uma mudança e uma vontade de agir. É sempre tudo do mesmo, apresentando-se de maneiras diferentes, rapidamente, por muitas vezes seguidas. Um movimento contínuo de desencantamento, uma vez que a magia que toca o ser se desfalece em novos estímulos, que rapidamente os substituem e são substituídos. Dificilmente um destes estímulos é capaz de afetar profundamente o ser.²⁷

Então, nesse cenário plugado, frenético e descartável, onde cabem os rituais e suas narrativas? Como retomar e preservar o encantamento? Ao tratar a comunicação digital como uma comunicação sem comunidade, Han coloca que esta “pode ser acelerada, pois é aditiva” e ainda que “rituais, ao contrário, são processos narrativos que não podem ser acelerados. Símbolos estão parados, quietos”. Mas, em contrapartida, Nassar e Pomarico trazem a comunicação afetiva e significativa como uma possibilidade também no meio digital, desde que este seja utilizado como ferramenta facilitadora de diálogo e aliada do offline, não de despejo de informações descartáveis e agressivas. Os autores defendem que as narrativas construídas, adaptadas e preservadas na pós-modernidade, as novas narrativas “devem buscar

²⁶ NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Velhas e novas narrativas.** Estética, v.8,2012, p. 2

²⁷ NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Velhas e novas narrativas.** Estética, v.8,2012, p. 3

compartilhar uma comunhão de propósitos, os quais sejam capazes de gerar identificação e engajamento. Capazes de conquistar subjetividades, bem como o respeito dos públicos envolvidos”²⁸, e ainda reiteram que:

Apesar dos pontos negativos contextualizados e das dispersões e sobrecargas informacionais proporcionadas pelas mídias digitais, há possibilidades positivas sobre as novas narrativas que anunciam a pós-modernidade. É preciso saber analisar e trabalhar com as novas tecnologias de forma que se criem espaços em que possam fluir os sentimentos e os sonhos dos indivíduos, dando a eles espaço para participar, dar ideias, dialogar e co-criar o novo mundo.²⁹

Portanto, ainda que virtual e ritual, redes sociais e narrativas significativas, possam apresentar essências opostas, é possível utilizar as redes sociais como espaços e canais de comunicação afetiva, acolhedora e construtora de memória, uma vez que haja um esforço de construção de significado e consciência de grupo desde o momento de desenvolvimento das mensagens que serão transmitidas, das histórias que serão contadas. Uma das principais propriedades da internet e dos meios virtuais é a de arquivista, e isso pode ser utilizado a favor da preservação e longevidade de rituais e conjuntos inteiros de memórias.

Quando, na década de 1940, Maurice Halbwachs coloca que a memória coletiva “é o grupo visto de dentro, e durante um período de não ultrapassa a duração média da vida humana”³⁰, leva-se em consideração um grupo pré-globalização em que até mesmo seus registros escritos, suas peças produzidas, suas memórias registradas fisicamente estão sujeitas a passagem do tempo e a finitude, tal qual o próprio homem. Entretanto, a internet traz um novo questionamento sobre essa temporalidade, produzindo tanto o espaço de informações voláteis quanto a capacidade de armazenamento que resiste a gerações, guerras e intempéries. Joël Candau já aponta em sua obra essa ambiguidade da modernidade, e destaca que “é importante não confundir a informação disponível e o conhecimento da mesma. A

²⁸ NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Velhas e novas narrativas.** Estética, v.8,2012. p. 5

²⁹ NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Velhas e novas narrativas.** Estética, v.8,2012. p. 5

³⁰ HALBWACHS, Maurice., **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990, p.88

iconorreia e a profusão de traços contemporâneos levam a um risco maior: a confusão e a indiferenciação dos acontecimentos, das lembranças e saberes e um esquecimento massivo subsequente.”³¹ Nesse cenário, não só a comunicação afetiva é essencial no momento de desenvolvimento da mensagem e da narrativa como também no pós difusão, a fim de manter em valorização e não banalizar o que foi dito de forma que siga tendo sentido para a comunidade relacionada. Ao contrário da individualização e linearidade anêmica que o ambiente digital tem criado, o envolvimento coletivo e a abertura de canais de mão dupla, tripla, quádrupla, são essenciais para que os rituais e suas novas narrativas sejam formados de forma afetiva e mantenham e fortaleçam laços. Como colocam Nassar e Pomarico:

As novas narrativas, formadas pela construção colaborativa, para uma sociedade mais justa, democrática, transparente e participativa. Narrativas capazes de afetar, transformar, provocar e instigar. Mensagens capazes de quebrar o automatismo e de causar mudança de inconsciência e de consciência, gerando envolvimento, interações e, sobretudo, ricas experiências e emoções.³²

Para ilustrar a presença, permanência e reinvenção dos rituais e o desenvolvimento das novas narrativas em meio a Era da Informação e a influência direta que as redes sociais exercem na realidade conectada, este trabalho vai tomar como estudo uma técnica de bordado manual, o bordado livre, caracterizada pela tradicionalidade, mas que ganhou espaço no meio digital nos últimos anos.

³¹ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p.114

³² NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Velhas e novas narrativas**. Estética, v.8, 2012, p. 5

O BORDADO MANUAL COMO MATERIAL CULTURAL, CRIATIVO, E COMUNICADOR



NI SANTAS
NI PUTAS
SOLO
MUJERES



4. O BORDADO MANUAL COMO MATERIAL CULTURAL, CRIATIVO E COMUNICADOR

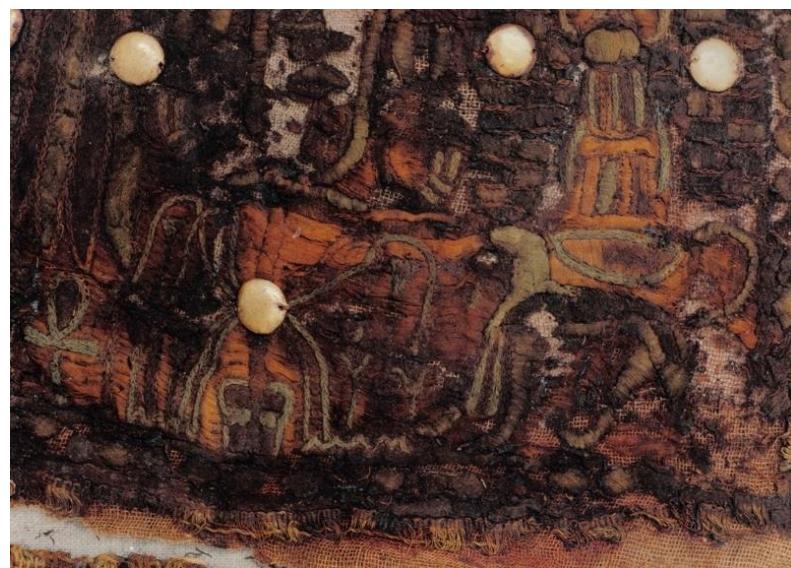
4.1 A técnica de bordado manual e bordado livre

Dentre as inúmeras possibilidades e técnicas de arte manual desenvolvidas ao redor do mundo, o bordado manual carrega uma história secular que atravessa eras. Desde vestimentas para a nobreza, líderes religiosos e uniformes militares, até projetos domésticos de peças utilitárias ou decoração, cada bordado carrega em si um significado e histórico próprios. A técnica tradicional consiste na ornamentação de tecidos utilizando agulhas, fios e linhas, trabalhados em uma série de pontos decorativos, a fim de conferir ou elevar a beleza da peça bordada. Segundo a pesquisadora e professora Maria do Carmo Guimarães Pereira, não há registros exatos de quando ou em que local a técnica foi inventada, e é importante considerar a diferença entre as técnicas de costura e bordado que se distanciam nos sentidos de funcionalidade e ornamentação³³, porém há registros de peças trabalhadas com materiais e padrões têxteis decorativos já no Egito Antigo e nas dinastias chinesas. Por exemplo, quando descoberta a tumba do faraó Tutancâmon em 1922, foram encontradas nela uma túnica e ornamentos para o corpo com aplicações têxteis como lã que teriam sido utilizadas no reinado do faraó, de 1333 a 1323 a.C.³⁴.

³³ PEREIRA, Maria do Carmo Guimarães. **Bordado: sua história e seus silêncios.** Belo Horizonte, MG: Miguilim, 2023, p.168.

³⁴ VOGELSANG-EASTWOOD, Gillian, 'Embroideries from the tomb of Tutankhamun,' in: Gillian Vogelsang-Eastwood (ed.), Encyclopedia of Embroidery from the Arab World, London: Bloomsbury Academic, 2016, p. 51-57.

FIGURA 1 - Detalhe de aplique e painel bordado de peça de roupa de linho encontrada no túmulo de Tutancâmon no início do século XIV a.C.²



Fonte: Textile Research Center, foto por Nino Monastra, 2017

Ainda sobre a história do bordado na Ásia, Pereira coloca:

No que diz respeito à China, alguns pesquisadores localizam o início do bordado durante o governo da dinastia Shang, que durou de 1766 a 1122 a.C., enquanto documentos históricos e pesquisas arqueológicas sugerem a existência de bordados que datam de 2255 a.C.

Durante a dinastia Han, de 206 a.C. a 221 d.C., os trabalhos de agulha já apresentavam uma estética bastante apurada. Sete séculos mais tarde, durante a dinastia Sung, atingiu-se o apogeu do bordado chinês, e a produção de trabalhos alcançou não apenas um alto nível estético e técnico, como também prolífico, em qualidade e quantidade jamais igualadas.³⁵

³⁵ PEREIRA, Maria do Carmo Guimarães. Bordado: sua história e seus silêncios. Belo Horizonte, MG: Miguilim, 2023, p.169.

FIGURA 2- Fragmento de bordado chinês da tumba nº 1 de Chu em Mashan, Jiangling, província de Hubei. Período dos Reinos Combatentes, 475-221 a.C.). Desenho tigre em ponto corrente.



Fonte: Textile Research Center, 2016

Registros e peças mais recentes e ocidentais mostram o caminho que o bordado teria percorrido do Extremo Oriente para o Oriente Médio, em seguida para a Europa e, a partir dali, para o restante do mundo. Com o passar do tempo, as diferentes técnicas de bordado ganharam denominações próprias e se modificaram de acordo com as influências de cada lugar e artesão, criando uma gama extensa de diferentes aplicações, intenções, materiais e métodos. No início do século XX, o surgimento do bordado a máquina marca uma nova forma de capitalização da técnica, voltada para a produção em massa e distante do fazer manual e seus significados e impactando diretamente a preservação da técnica tradicional.

Na dimensão do bordado manual, ou seja, o bordado totalmente trabalhado à mão sem qualquer aplicação feita por máquinas, a técnica principal ainda se desdobra em técnicas singulares. Alguns exemplos possíveis de nomeação atualmente são o ponto-cruz, técnica que utiliza um único tipo de ponto em formato de “X” para construir os padrões e estampas em tecido específico; o ponto russo, que se aproxima da tapeçaria e utiliza uma agulha própria para o ponto que define a técnica; o bordado de Luneville, feito com agulha em formato de gancho e que inclui a aplicação de missangas e pedrarias no decorrer do bordado, muito utilizado em peças de luxo e moda festa; e o bordado livre, técnica presente no estudo de caso

deste trabalho e que consiste em um bordado feito com agulha de mão e linhas variadas, unindo diferentes tipos de pontos em uma mesma peça e possibilitando a criação de ilustrações mais espontâneas e detalhadas e menos padronizadas. Nas palavras de Pereira, os trabalhos de bordado livre “são trabalhos com grande liberdade criativa”.³⁶

Na contemporaneidade, não só o bordado livre como também as demais técnicas ultrapassaram o limite do tecido, ganhando novas formas e locais de aplicação e novos motivos por trás de cada ilustração. Ainda assim, o bordado segue sendo uma forma de registro e materialização de subjetividades, intencionalmente ou não, a partir do momento em que cada peça ganha marcas próprias ao passar pelas mãos do bordadeiro ou bordadeira. Essa subjetividade e adaptabilidade do bordado manual confere à técnica uma capacidade de comunicação e tradução de narrativas que é motivo do recorte feito neste trabalho. Através dos movimentos de linha e agulha, tramas inteiras são construídas e recontadas.

4.2 Um olhar ritualístico sobre o bordado manual

Enquanto técnica manual, ancestral e longeva, capaz de envolver os membros de uma comunidade e ilustrar as memórias desse grupo, o bordado se caracteriza como um conhecimento de experiência e pode ser lido como um ritual a partir de uma perspectiva antropológica e simbólica. Como colocado anteriormente, os rituais, em sua essência, são atividades simbólicas carregadas de significados culturais, sociais ou religiosos, frequentemente repetidas e executadas de maneira codificada. No contexto do bordado manual, os aspectos que contribuem para essa caracterização ritualística são:

- Repetição e padrões simbólicos: o bordado muitas vezes envolve a repetição de padrões e a aplicação de pontos específicos. Essa repetição não é apenas técnica, mas também simbólica. Os padrões podem representar elementos culturais, históricos ou pessoais, conferindo um significado mais profundo ao ato de bordar. A repetição desses padrões cria uma sensação de continuidade

³⁶ PEREIRA, Maria do Carmo Guimarães. **Bordado: sua história e seus silêncios**. Belo Horizonte, MG: Miguilim, 2023, p.186.

e conectividade com tradições passadas, ainda que a ilustração sendo criada reflita a realidade presente.

- Tempo dedicado e concentração: o bordado requer tempo, paciência e concentração. O praticante se envolve em um processo demorado, muitas vezes meditativo, que pode se assemelhar a um estado alterado de consciência. Essa imersão profunda no ato de bordar cria uma experiência ritualística, onde a percepção do tempo dedicado se torna particular, não cronometrada, proporcionando um espaço para reflexão e introspecção.
- Transmissão de conhecimento: o bordado é frequentemente transmitido de geração em geração, seja formalmente em ambientes de aprendizado estruturados ou informalmente dentro de comunidades. Essa transmissão de conhecimento, muitas vezes acompanhada por histórias, mitos ou anedotas, contribui para a construção de uma narrativa em torno da prática do bordado e, consequentemente, do ritual.
- Criação de identidade e comunidade: o bordado é uma forma de expressão pessoal que também pode contribuir para a construção da identidade individual e coletiva. Ao participar de um grupo de bordado, seja presencial ou online, os praticantes compartilham experiências, técnicas e histórias. A prática coletiva do bordado cria um senso de comunidade, onde os rituais individuais se entrelaçam, fortalecendo os laços entre os participantes.
- Celebração e ritualização de eventos: bordados muitas vezes são associados a eventos significativos, como casamentos, nascimentos ou ritos de passagem. Ao criar peças específicas para essas ocasiões, o ato de bordar se torna um ritual de celebração, marcando e simbolizando momentos importantes na vida das pessoas.

Assim, o bordado manual, ao incorporar esses elementos de repetição, significado simbólico, temporalidade, transmissão de conhecimento e construção de identidade, pode ser interpretado como um ritual que vai além da mera atividade

técnica, tornando-se uma expressão cultural profunda e significativa. Essa caracterização ritualística adiciona camadas de valor e significado ao ato aparentemente simples de passar linhas em um tecido. Dessa forma, bordado e memória coletiva se encontram no espaço da preservação de narrativas e conhecimentos. Segundo Paulo Nassar:

A memória coletiva desempenha um papel fundamental na preservação do conhecimento, especialmente em contextos onde o conhecimento é transmitido de forma oral e prática, como nos grupos de bordadeiras e artesãos. Ela atua como um repositório vivo de experiências, técnicas e tradições, permitindo que as gerações futuras aprendam com as anteriores.³⁷

Muito relacionada ao feminino e ao cuidado doméstico, a técnica já fez parte do currículo escolar - voltada unicamente para mulheres e como um *hobby* - porém era nos núcleos familiares que encontrava, até então, seu principal local de transmissão. Em um contexto de aumento da automatização, produção em massa e esvaziamento de sentido, a técnica tradicional tendeu a perder espaço e relevância, o que faz com que a memória coletiva daqueles que ainda detém o conhecimento sobre o bordado se tornem pontos focais de preservação e transmissão. Ainda segundo Nassar:

O papel da memória coletiva na preservação de técnicas e habilidades únicas, especialmente quando são preservadas por mulheres em grupos como bordadeiras, artesãs têxteis e outros, é de extrema importância para a continuidade da cultura, tradições e identidade desses grupos. A memória coletiva de trabalho tem um papel vital na transmissão de habilidades específicas de geração em geração. Muitas vezes, essas habilidades são altamente especializadas e únicas para o grupo, como técnicas de bordado, tecelagem ou outros artesanatos tradicionais. As mulheres, em muitas culturas, têm sido as principais guardiãs dessas habilidades, passando-as para suas filhas e outras mulheres jovens dentro da comunidade³⁸

Essa transmissão e troca entre individual e coletivo constrói no indivíduo a sensação de pertencimento, cria sentido, afeto e acolhimento através do exercício da técnica, mesmo que o bordado esteja sendo feito apenas a duas mãos. Os sentimentos evocados pela prática afetam diretamente e têm um impacto

³⁷ Considerações do Prof. Paulo Nassar, feitas em aula da Disciplina Memórias Rituais, Narrativas da Experiência, no 1º Semestre de 2023, disciplina stricto sensu do PPGCOM ECA-USP

³⁸ Considerações do Prof. Paulo Nassar, feitas em aula da Disciplina Memórias Rituais, Narrativas da Experiência, no 1º Semestre de 2023, disciplina stricto sensu do PPGCOM ECA-USP

permanente no ser, moldando a trajetória e o relacionamento com o mundo daquele que experimenta esse ritual. Bell Hooks traz esse impacto quando coloca:

Em *The Knitting Sutra: Crafts as a Spiritual Practice* [O sutra do tricô: artesanato como prática espiritual], Susan Lydon descreve o trabalho de tricotar como uma atividade manual escolhida livremente que aumentou sua consciência do valor do modo de vida correto. Ela afirma: “O que descobri nesse pequeno mundo doméstico do tricô é infinito; ele se amplia e se aprofunda mais do que qualquer um possa imaginar. É infinito e aparentemente inesgotável em sua capacidade de inspirar, excitar e provocar *insights* criativos”. Lydon vê o mundo que tradicionalmente consideramos “trabalho de mulher” como um lugar para descobrir a devoção por meio do êxtase da criação doméstica. Um lar feliz é um lugar onde o amor pode florescer.

Criar felicidade doméstica é especialmente útil para pessoas que moram sozinhas e estão aprendendo a amar a si mesmas. Quando nos esforçamos intencionalmente para tornar a nossa casa um lugar onde estamos prontos para dar e receber amor, cada objeto que colocamos ali aumenta o nosso bem-estar.³⁹

No entanto, a preservação e a revitalização do bordado manual não se limitam apenas à transmissão intergeracional no âmbito doméstico. No contexto contemporâneo, onde a automatização e a produção em massa ameaçam a relevância do bordado tradicional, a memória coletiva pode utilizar de ferramentas atuais para preservar e difundir a técnica. As redes sociais emergem como aliadas poderosas nesse processo. Ao proporcionar um espaço virtual para a comunidade do bordado, essas plataformas conectam praticantes, novatos e especialistas, independentemente das barreiras geográficas. Como poderemos ver em seguida, o compartilhamento de técnicas, inspirações e criações cria uma rede global que fortalece a prática do bordado e mantém viva a chama desse ritual.

4.3 O bordado manual nas redes sociais

O advento do bordado à máquina e a digitalização dos processos não apenas alteraram a paisagem da prática do bordado manual, mas também impactaram significativamente a forma como o ritual é percebido e vivenciado. A industrialização trouxe consigo a promessa de eficiência e produção em massa, desafiando a tradição artesanal do bordado manual. Contudo, em meio a essa transformação, é

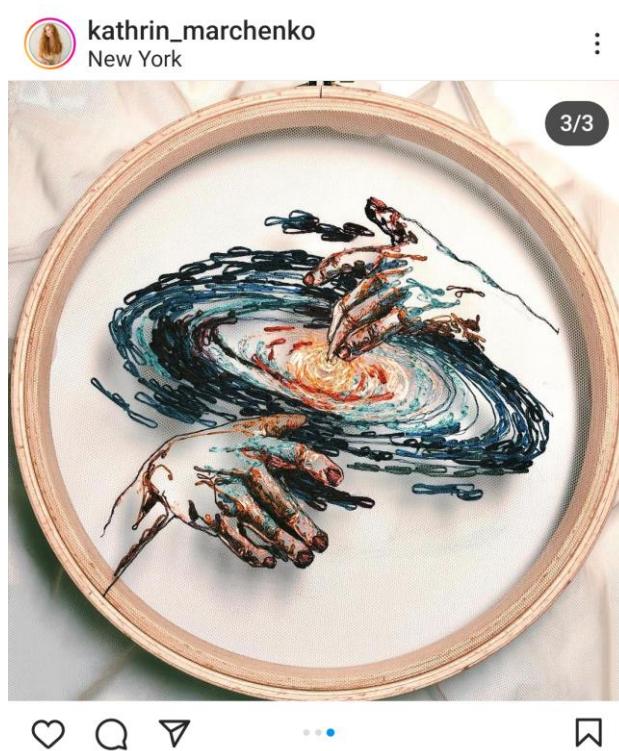
³⁹ HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020, p. 73.

possível identificar maneiras de preservar e revitalizar esse ritual tão rico utilizando as plataformas criadas pela própria digitalização.

A mecanização do bordado trouxe consigo a capacidade de reproduzir padrões de maneira rápida e uniforme, reduzindo a dependência da habilidade manual. No entanto, essa praticidade muitas vezes sacrifica a individualidade e o toque pessoal que caracterizam o bordado manual. A digitalização, por sua vez, trouxe inovações no design e na criação de padrões, oferecendo novas possibilidades criativas, mas também distanciando a prática da materialidade do processo manual.

Apesar dessas mudanças, comunidades online, particularmente nas redes sociais, emergiram como aliadas na preservação e revitalização do bordado manual. Plataformas como Instagram e Pinterest tornaram-se espaços virtuais onde entusiastas do bordado compartilham suas criações, técnicas e experiências. Esses espaços proporcionam uma plataforma global para a celebração do bordado, conectando praticantes, novatos e especialistas, independentemente das fronteiras geográficas.

FIGURA 3 - Publicação no Instagram de bordado em tule feito por Kathrin Marchenko, bordadeira russa que cresceu na Ucrânia e hoje está baseada em Nova Iorque.



Fonte: Instagram, 2023

O ressurgimento do interesse pelo feito à mão, impulsionado pela busca por conexões e experiências mais genuínas, contribui para a manutenção do bordado manual como um ritual vivo. A valorização do artesanato e da autenticidade encoraja a exploração de técnicas tradicionais, alimentando a busca por peças únicas e feitas à mão.

FIGURA 4 - Publicação no Instagram de bordado feito pela bordadeira japonesa conhecida pelo username Ipnot. A artista é conhecida pela produção de bordados em relevo que utilizam apenas o ponto nó francês.

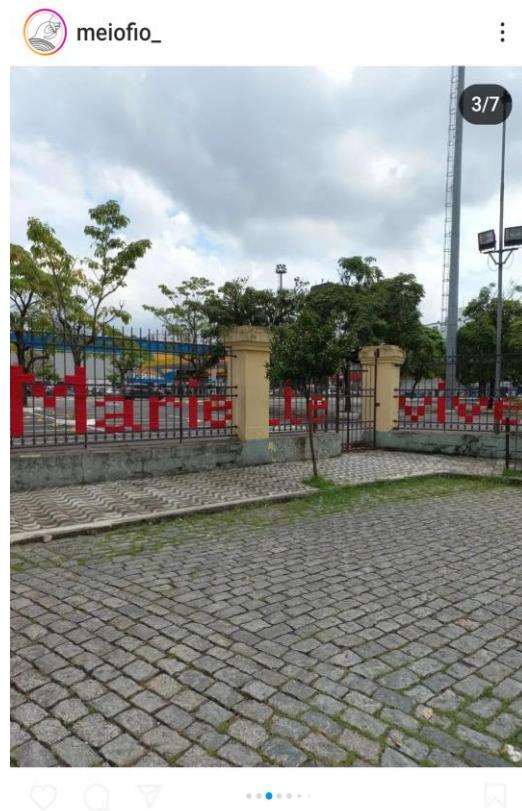


Fonte: Instagram, 2023

Também através das redes sociais, é possível observar uma ressignificação das peças de bordado manual e suas aplicações, evidenciando um caráter de comunicação e ativismo que a técnica pode adquirir e que se amplia nesse meio. Preservando a essência do tradicional, o bordado contemporâneo presente nas redes sociais não apenas celebra a técnica transmitida de geração em geração, mas também desafia as fronteiras estéticas. Temas bucólicos, como flores e cenas cotidianas, continuam, mas o bordado vai além, tornando-se um meio de expressão política e conscientizadora. Mensagens de empoderamento e críticas sociais são

bordadas, transformando peças em manifestos visuais, compartilhados na rede mundial.

FIGURA 5- Publicação no Instagram de técnica de bordado urbano feito pelo coletivo Meio Fio em que está escrito “Marielle Vive”. A intervenção foi realizada na cidade de Santos quando se completaram 5 anos do assassinato da vereadora e ativista Marielle Franco.



Fonte: Instagram, 2023

FIGURA 6 - Publicação no Instagram de membros do coletivo Meio Fio realizando a intervenção de bordado urbano “Marielle Vive”.



Fonte: Instagram, 2023

Além disso, quando uma técnica tão minuciosa, paciente e manual é inserida no meio acelerado e efêmero da internet, traça-se uma nova forma de dinâmica entre o indivíduo, o conhecimento assimilado e reproduzido, o lugar da tela e as percepções sobre o digital. Byung-Chul Han coloca que "no excesso de abertura e de ilimitado que dominam o presente, perdemos a capacidade de conclusão. Com isso, a vida se torna meramente aditiva." E ainda: "nos espaços com infinidáveis possibilidades de conexões, um encerramento não é possível."⁴⁰ Entretanto, o bordado manual, ao se apresentar como um processo ritualístico, com etapas definidas até a conclusão de uma peça, leva essa cadência através das redes para quem as usa. O sentimento de conclusão e a prática do encerramento estão na própria técnica, no próprio ato de investir tempo e finalizar um bordado, e nesse sistema muitas vezes as redes sociais são justamente o canal que possibilita a transmissão do conhecimento gerador da finitude e da conexão com o real.

⁴⁰ HAN, Byung-Chul, **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. São Paulo: Vozes, 2021, p.47-48

Também é importante citar o papel de vitrine desempenhado pelas redes sociais quando tratando de bordado manual como fonte de subsistência. Para além do hobby e do ritual, o bordado manual se faz fonte de renda para diversas bordadeiras que encontram nas plataformas digitais uma forma fácil e sem custo de expor seus trabalhos e encontrar compradores. A natureza visual das redes sociais permite que as bordadeiras mostrem detalhes intrincados de suas peças, compartilhem o processo criativo e até mesmo personalizem encomendas. É através das redes sociais também que curadorias de feiras presenciais de arte manual selecionam e convidam bordadeiros e bordadeiras para participação nos eventos presenciais. Essa visibilidade ampliada impulsiona não apenas a promoção de seus produtos, mas também a construção de uma marca pessoal, contribuindo para o sucesso e a sustentabilidade de suas atividades como empreendedoras no universo do bordado.

Em suma, as redes sociais não apenas facilitam a disseminação de técnicas e inspirações, mas também proporcionam um espaço para a preservação e renovação das narrativas culturais associadas ao bordado. Através de *hashtags* específicas, grupos de interesse e eventos virtuais, a comunidade do bordado se conecta, compartilhando histórias, riscos, experiências, lutas e utilizando esses canais para marcar encontros presenciais. Ao proporcionar uma plataforma para a troca de conhecimento, celebração da diversidade criativa e construção de comunidades, as redes sociais desempenham um papel crucial em manter vivo o bordado manual e seu lugar de calma e ritual em meio a um mundo cada vez mais digital e acelerado.

Dentre as comunidades online de bordado que surgiram no Brasil e transitam entre o virtual e o físico, um caso que se destaca e é foco de estudo neste trabalho é o Clube do Bordado.

O CLUBE DO BORDADO - UM CASO DE AGULHAS, NARRATIVAS E PIXELS



5. O CLUBE DO BORDADO - UM CASO DE AGULHAS, NARRATIVAS E PIXELS

5.1 O Clube do Bordado

Criado em 2013 por um grupo de seis amigas, o Clube do Bordado começou como um pequeno encontro presencial nas casas das integrantes deste pequeno grupo que compartilhava o interesse pelo bordado manual. A ideia de criar o Clube partiu de uma conexão nas redes sociais, em que uma das integrantes já compartilhava seus projetos em uma conta pessoal e despertou o interesse de uma segunda que em seguida convidou mais amigas e consolidou os encontros semanais. A maioria das integrantes já possuía um historial com a técnica, muito vindo da memória coletiva geracional das mães e avós, e seguiram desenvolvendo e trocando conhecimentos nos encontros, dando início também a produção de peças em conjunto, mas ainda como *hobby*, passeando entre clube, coletivo e grupo de amigas. Em 2014, as integrantes começaram a atuar profissionalmente com o bordado de forma individual, mas sempre mantendo o grupo, ministrando cursos presenciais e comercializando trabalhos bordados. Também em 2014, quando desenvolveram um conjunto de peças de bordados com tema *soft porn* - já mostrando as diferentes possibilidades do bordado livre e sua capacidade de subversividade - o Clube foi convidado para participar da feira PopPorn⁴¹, que tinha "como tema a positivação da sexualidade e a liberdade dos corpos através da educação sexual e da pornografia"⁴². Já aqui o Clube do Bordado se mostrava memorial e ritualístico, mas não necessariamente tradicional.

⁴¹

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/08/1494145-coletivo-borda-pecas-que-retratam-nuances-da-sexualidade-feminina.shtml>

⁴² <https://ihateflash.net/tags/pop-porn>

FIGURA 7 - Bordado Casal Tatuado que fez parte da coleção soft porn do Clube do Bordado na feira PopPorn em 2014.



Fonte: Revista Claudia, 2016

Nesse momento ocorreu a entrada do Clube do Bordado nas redes sociais como organização, por um requisito para participação na feira, e este passou a ter uma página dedicada ao compartilhamento dos seus bordados, atividades e serviços. Em 2015, o Clube do Bordado promoveu seu primeiro curso online⁴³, levando a técnica ainda mais longe. A partir de 2016, o grupo começou a produzir conteúdos gratuitos de bordado para o YouTube, contando hoje com mais de 150 tutoriais que ensinam as mais diversas técnicas e etapas do bordado, além de vídeos sobre a história do bordado, literatura sobre bordado, a relação de cada integrante com a técnica e, ainda, conteúdos de pauta feminista e ativista. Hoje, o Clube do Bordado acumula 294 mil seguidores no Instagram, 262 mil inscritos no canal do YouTube, 60 mil seguidores no Facebook e 55 mil seguidores no Pinterest. O Clube do Bordado se tornou uma sociedade limitada em 2019 e atualmente é formado por quatro das sócias-fundadoras: Laís Souza, Marina Dini, Renata Dania e Vanessa Israel. Em 2023, o Clube do Bordado completou 10 anos e, em comemoração, foi

⁴³ <https://anamariabraga.globo.com/materias/sonha-em-um-abrir-um-negocio-com-as-amigas-conheca-o-clube-do-bordado/?amp>

promovido um encontro presencial aberto a todos os seguidores das redes sociais que quisessem participar de uma tarde de bordado no Parque do Povo, em São Paulo, onde a entrevista utilizada neste trabalho foi gravada

FIGURA 8 -configuração atual de sócias-fundadoras do Clube do Bordado.



Fonte: Clube do Bordado, 2023.

Como empresa e profissão de quatro mulheres empreendedoras, o Clube do Bordado conta no momento com diferentes produtos capitalizados relacionados ao bordado, mas mantendo a essência e parte da dinâmica de comunidade criada no encontro entre amigas há dez anos, e mescla o virtual e o físico para seguir promovendo o bordado e o valor do fazer manual. Além do conteúdo gratuito disponível no YouTube, que já oferece todo o necessário para os iniciantes na técnica e até mesmo aprimoramento para aqueles que já possuem experiência, o Clube também oferece uma assinatura mensal opcional de riscos (ilustrações pensadas para serem bordadas) exclusivos, desenvolvidos pelas sócias com os temas sugeridos pela comunidade. Voltado para a comunidade que adere à

assinatura, é mantido um grupo no Facebook - o grupo das “Bordetes do Clube do Bordado”, com mais de mil membros - para trocas diretas sobre o assunto entre as seguidoras do Clube, além de ser espaço de decisão dos próximos conteúdos das redes sociais.

FIGURA 9 - exemplo de risco da assinatura mensal do Clube do Bordado.



Fonte: Clube do Bordado, 2023.

Para não-assinantes, são promovidas *lives* abertas nos perfis do Clube do Bordado com tutoriais rápidos, espaço para tirar dúvidas e distribuição de riscos gratuitos. Hoje o Clube também conta com oito cursos online pagos, com conteúdo do básico ao avançado, com foco principal no bordado livre, além de cursos presenciais ministrados pontualmente. As conexões também saem da tela em encontros presenciais, marcados em parques e espaços públicos para reunir os entusiastas das linhas e agulhas.

FIGURA 10 - Curso do Clube do Bordado ministrado no projeto itinerante Circuito Sesc de Artes.



Fonte: Clube do Bordado, 2016.

Nessa intersecção entre físico e virtual, empresa e comunidade, seguidoras e bordadeiras, sócias e amigas, tradição e ativismo, o Clube do Bordado se mostra um exemplo sólido do lugar e formato que as técnicas de bordado manual se fazem presentes na Era Digital. Sob a luz da teoria apresentada, a análise desse caso traz significativas contribuições para o recorte deste trabalho.

5.2 Análise do caso

Desde sua origem, o Clube do Bordado mostra uma evidente intersecção entre o tradicional e o tecnológico, o ritual e as redes sociais. Iniciado como um encontro semanal entre amigas para compartilhar a técnica de bordado manual, o caráter ritualístico fica claro quando entendemos esses encontros como um tempo intencionalmente dedicado à técnica, em um espaço determinado, entre mulheres que - mesmo que não possuam grau de parentesco - nutrem laços afetivos através desses encontros e desenvolvem uma memória comunitária e uma identidade do

grupo a partir da memória do bordado manual. Em contraste com esse movimento clássico do ritual, é imprescindível destacar que a primeira conexão entre a mentora do Clube e as demais integrantes foi através das redes sociais, que oferecem o meio e criam a circunstância para, assim, o ritual e a memória saírem do estado individual e terem continuidade coletiva.

Sobre o movimento entre memórias individuais e coletivas, Maurice Halbwachs coloca que:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança.⁴⁴

No contexto da mecanização, a memória da técnica de bordado manual foi se tornando cada vez mais individual do que coletiva, restringido principalmente a matriarcas, e a necessidade de proximidade física para repasse da técnica manteve esse conhecimento isolado em núcleos pontuais e familiares. Com o surgimento das redes sociais e a inserção da técnica na rede a partir de memórias individuais, essas memórias sobre a técnica se ramificam e atingem outras pessoas - que já tenham conhecimento sobre o bordado ou não - que, por sua vez, podem continuar essa linha de repasse em seus núcleos físicos ou virtuais. Através das plataformas e conexões digitais, uma filha que aprendeu a técnica com a mãe e a avó pode se tornar matriz de compartilhamento ainda que não tenha filhos ou não exerça a profissão de professora, como observa-se no Clube do Bordado. Quando apresentado ao público nas redes sociais, indo além das paredes da casa em que o grupo de amigas se encontrava, o Clube passa a construir uma grande comunidade virtual entre seres físicos. Essa capacidade de multiplicação exponencial das redes sociais é o fator que mantém ativa a técnica como método, porém o ato de manter ativa a técnica como ritual e memória se mostra dependente da narrativa construída e do encontro entre virtual e físico.

Assim como outras comunidades online, o Clube do Bordado constitui um canal de memória não linear geracionalmente, mas a distância do meio familiar não

⁴⁴ Halbwachs, M., *A memória coletiva*, 1990, p.34

impede que se construa uma narrativa e relação de afeto entre indivíduos ou entre indivíduo e técnica. Desde o primeiro contato, o formato de comunidade online já oferece uma dinâmica diferente da comunidade que está próxima fisicamente por ser uma escolha. Entrar em uma comunidade online é um ato arbitrário, enquanto fazer parte de uma comunidade local pode se configurar, muitas vezes, como conveniência. A arbitrariedade já impulsiona a identificação do indivíduo com aquele grupo em que ele está escolhendo entrar e o interesse e dedicação se mostram fortalecidos, genuínos e duradouros. Joël Candau coloca que:

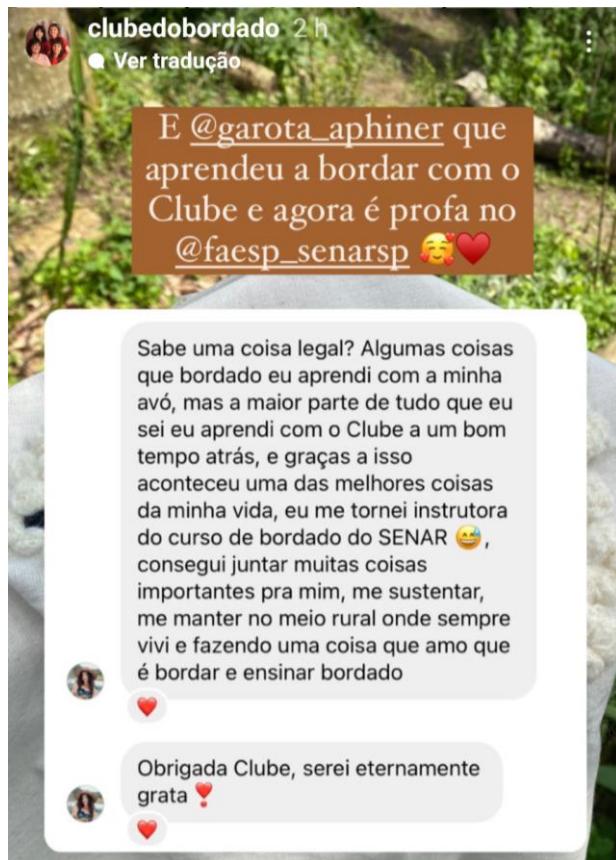
Quando um determinado meio não ativa mais certas formas memoriais explícitas, mesmo a repetição daquelas que são incorporadas estão, a mais longo termo, ameaçadas. Nisso reside um risco potencial de enfraquecimento das memórias fortes.⁴⁵

No caso do Clube do Bordado e da volatilidade do meio virtual, é evidente que existem indivíduos que consomem o conteúdo de forma unilateral, sem trocas ou interações com os demais seguidores e as fundadoras e que não se inserem na comunidade. Porém, também são evidentes os laços e significados construídos por aqueles que escolhem participar, se deparam com um grupo de pessoas com os mesmos interesses e se mantém engajados e compartilhando e exercendo a técnica do bordado manual. Em um depoimento compartilhado na página do Instagram do Clube do Bordado, a seguidora Milena Aphner (@garota_aphiner) relatou:

Sabe uma coisa legal? Algumas coisas [de] bordado eu aprendi com a minha avó, mas a maior parte de tudo que eu sei eu aprendi com o Clube [há] um bom tempo atrás, e graças a isso aconteceu uma das melhores coisas da minha vida: eu me tornei instrutora do curso de bordado do SENAR [Serviço Nacional de Aprendizagem Rural]. Conseguir juntar muitas coisas importantes para mim, me sustentar, me manter no meio rural onde sempre vivi e fazendo uma coisa que amo que é bordar e ensinar bordado. Obrigada, Clube, serei eternamente grata.

⁴⁵ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p.121

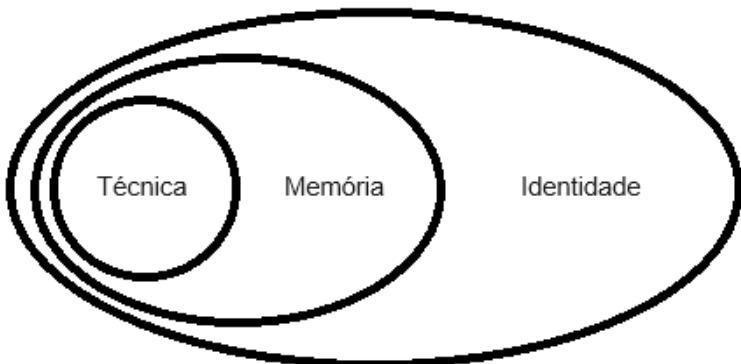
FIGURA 11- Relato de Milena Aphner, seguidora e aluna do Clube do Bordado, publicado no Instagram.



Fonte: Instagram Clube do Bordado, 2023.

A comunidade se torna geradora das próprias narrativas que estão atreladas à narrativa construída pelo Clube do Bordado de valor e compartilhamento da técnica de bordado manual. Por meio da tela, aliada às linhas e agulhas, o ritual é difundido e se formam narrativas afetivas e um senso de pertencimento que estão diretamente ligadas à percepção de identidade daqueles que fazem parte da comunidade. De acordo com a forma de interação dos indivíduos com o conteúdo ali apresentado, essas narrativas e percepções de identidade se constroem em diferentes configurações para cada um, o que leva a identificar diferentes níveis de memória e identidade dentro de uma mesma comunidade, como ilustrado abaixo na figura 12.

FIGURA 12- Esquema que exemplifica os diferentes níveis de possíveis de memória e identidade na comunidade do Clube do Bordado.



Fonte: Jaoude, 2023.

Quando Candau coloca que não basta passar adiante uma mecânica para fazer viver uma identidade, mas sim é necessário transmitir uma memória viva⁴⁶, podemos entender que há diferentes formas de transmissão nos níveis apresentados. Em um paralelo com o Clube do Bordado e a dinâmica virtual, aqueles que ficam no nível da técnica estão interagindo com o bordado manual como método restrito, passam pelo Clube e pelo conteúdo sem de fato haver a construção de significado ou memória afetiva. Quando alcançado o nível da memória, a técnica já evoca comoção e envolvimento, o que pode ser observado no caso de participantes que chegam até o Clube com alguma memória familiar ligada ao bordado. Já o nível de identidade abrange ambos os níveis anteriores e carrega a percepção de pertencimento, de identificação profunda com aquele grupo que partilha da técnica e das memórias, deixando uma marca no ser e no viver. Quando alcançado esse nível, a preservação da técnica se torna inconsciente, convertendo-se em parte do existir das bordadeiras ali envolvidas. Segundo Candau:

A aquisição de uma identidade profissional ou, mais genericamente, de uma identidade vinculada a poderes e saberes não se reduz apenas a memorizar

⁴⁶ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p.118

e dominar certas habilidades técnicas: ela se inscreve, na maior parte dos casos, nos corpos mesmos dos indivíduos.⁴⁷

O atravessar dos níveis é uma ação em movimento, com duração particular a cada indivíduo. No caso do Clube do Bordado, é possível observar esse movimento na jornada de identificação como bordadeira ou bordadeiro. Quando entrevistadas as sócias-fundadoras do Clube do Bordado, ficou evidente como o processo e os critérios pessoais de identificação como bordadeira vão muito além da definição do ofício no dicionário ou nos livros de pontos. Ao serem questionadas com qual profissão se identificam atualmente, apenas duas das quatro sócias incluíram o ofício de bordadeira nas respostas, em conjunto com o de empreendedora. Já quando questionadas se todas se consideram bordadeiras, ainda que não profissionalmente e, se sim, em qual momento e qual motivo as fez se identificar assim, as respostas divergiram. Renata Dania respondeu: “Para mim foi o Clube do Bordado. A partir do momento que a gente deu o nome, que foi bem rápido, no primeiro mês dos nossos encontros” (DANIA, 2023). Vanessa Israel respondeu:

Eu também fui junto com o Clube, e eu lembro que as pessoas me falavam “Ah, então você é bordadeira” e eu ficava um pouco ofendida, porque esse termo não era uma coisa vazia pra mim assim. Me lembrava, sei lá, um trabalho muito difícil, sei lá, que eu via minhas avós fazendo e tal. Eu ficava “ai, mas será que não tem outra palavra?”. Mas eu ressignifiquei muito o termo, mas é isso. Eu já me via muito bordadeira, tanto que batia muito em isso assim. (ISRAEL, 2023)

Laís Souza respondeu:

Eu acho que foi a partir do Clube do Bordado mesmo, mas eu acho que mais quando o Clube do Bordado começou a virar um negócio assim, porque no começo era muito nosso encontro de amigas e aí eu não me considerava muito bordadeira porque eu aprendi a bordar no clube do bordado. Então eu acho que eu me considerava bordadeira aprendiz, assim. Não era uma bordadeira como uma profissão. E aí eu acho que quando a gente começou a dar aula de bordado, aí esse termo veio como uma coisa identitária mesmo, sou uma bordadeira. (SOUZA, 2023)

⁴⁷ CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p.119

E Marina Dini respondeu:

Nossa, não sei. Acho que bordadeira é bem recente, na verdade. Não sei, gente, eu me sentia mais empresária do que bordadeira. Não sei. Eu me sentia professora do que bordadeira. Eu acho que... Não sei qual foi o momento, mas eu sinto que quando eu estou em fase que eu não bordo muito, que acontece, eu não me sinto tão bordadeira. Eu me sinto bordadeira quando eu estou assim, ó, mergulhada bordando um monte, todos os dias, se não eu me sinto outras coisas que não bordadeira. (DINI, 2023)

As respostas evidenciam a complexidade individual de quatro mulheres que fazem parte da mesma comunidade e que, mesmo que já tenham atravessado os níveis de técnica e memória, seguem em movimentação dentro do nível de identidade, mas já marcadas pelo bordado como ritual e vivência.

E ainda, não deve ser ignorado que o Clube do Bordado é uma empresa, para além de comunidade, que contém narrativa própria construída através da comunicação organizacional. Em entrevista, Renata Dania contou que, ainda que tenha passado por aprimoramentos e adaptações, a comunicação do Clube é planejada desde o momento de entrada nas redes sociais. No website próprio, é comunicado que

O Clube do Bordado tem a missão de valorizar e promover a cultura do feito à mão desde 2013. Nossa empreendimento criativo se expandiu a partir do bordado para abranger a criação de produtos, cursos online e presenciais, produção de conteúdo original multiplataforma e o desenvolvimento de projetos que visam resgatar os saberes dos trabalhos manuais. Compartilhamos conhecimento e experiências, abrindo caminhos para a educação e o empoderamento por meio do fazer com as mãos.

Com esse posicionamento, mantendo o nome Clube do Bordado desde o início, produzindo conteúdo relevante para a comunidade e tendo uma interação ativa e constante com seguidoras e alunas, o grupo não só desenvolveu um trabalho de Relações Públicas coerente com a marca e seus produtos como também foi capaz de mesclar conteúdos pagos e gratuitos, online e presenciais, de forma a manter a dinâmica e percepção de comunidade e contribuir para a preservação e difusão do bordado manual. Sobre o tópico, Laís Souza colocou:

E a gente viu o impacto que isso teve nas nossas vidas, né, da gente fechar essa comunidade focada no bordado, o quanto isso ajudou a gente. E aí eu acho que veio também muito esse desejo que isso fosse uma coisa

expandida assim. Do quanto que isso faz bem, né? Se reunir com as pessoas. Para fazer qualquer coisa, mas para fazer bordado é mais legal. (SOUZA, 2023)

Quando questionadas de que forma percebem o Clube, Rita Resende respondeu: “Eu acho que eu vejo mais como comunidade do que empresa. Porque a gente acaba conhecendo um monte de gente, né?” (RESENDE, 2023) , e Sara Redivo respondeu:

Também vejo assim. Ah, eu acho que o nome, né? Assim, é muito convidativo, né? Clube do Bordado, sabe? Ah, eu também quero, como se fosse ‘Ah, o clube do livro’. Não, é o Clube do Bordado, parece que você está se reunindo com amigas, assim pra bordar. (REDIVO, 2023)

Evidenciando a perceptividade da narrativa continuada.

Nesses dez anos de existência, transformações, aulas, conversas e bordado, as redes sociais tiveram um papel essencial no alcance que o Clube do Bordado atingiu. Tanto do ponto de vista das fundadoras, quanto das seguidoras e alunas entrevistadas, as redes sociais serviram como porta de entrada de forma bilateral. Renata Dania coloca que: “[...] eu acho que as redes sociais foram a nossa principal, o nosso principal meio de comunicação, de aproximação com nosso público. [...] O clube nasceu lá” (DANIA 2023).

O que vai de encontro com os relatos das seguidoras entrevistadas. Sara Redivo respondeu: “[...] aprendi a bordar com vídeos do Clube. [...] Eu acho que [o primeiro contato] foi no Instagram, Instagram e YouTube. Eu não sei qual que veio primeiro, na verdade, mas tá meio junto.” (REDIVO, 2023). Rita Resende respondeu: “É, o meu foi pelo YouTube mesmo, que eu queria lembrar os pontos, aí eu chamei lá no YouTube e apareceu.”(RESENDE, 2023).

Ao mesmo tempo, quando questionadas se o ambiente virtual, na percepção das entrevistadas, substitui ou supera os encontros físicos marcados ocasionalmente, as respostas foram unâimes. Renata Dania respondeu:

Eu acho que são coisas diferentes. Eu acho que o virtual nos possibilita um alcance infinitamente maior do que o físico. Isso, a gente viveu na pele isso assim, até essa coisa dos cursos, quando a gente dava os cursos presenciais, a gente conseguia dar aula para 20 pessoas, no máximo, no físico, mas aí no online a gente consegue ganhar uma outra escala. Acho que é a mesma coisa com o contato com as pessoas. Mas o contato físico

faz falta e é um outro tipo de aproximação. Acho que são coisas diferentes e complementares. (DANIA, 2023)

Rita Resende respondeu: “Não, tanto que eu não gosto de dar aula online. Eu só dou aula presencial” (RESENDE, 2023) e Sara Redivo respondeu: “Acho que não substitui, não. É legal, mas tem essas limitações também, né? E aí poder encontrar pessoalmente assim faz diferença, né?” (REDIVO, 2023).

FIGURA 13 – Encontro em comemoração aos 10 anos do Clube do Bordado no Parque do Povo em São Paulo.



Fonte: Imagem do autor, 2023.

Assim, sob o olhar da comunicação, é possível entender o Clube do Bordado como mais do que um empreendimento, se caracterizando como uma comunidade ativa na preservação e difusão de técnicas de bordado manual. Também é visível que as redes sociais configuram um canal muito importante para essa difusão e para o registro das técnicas e seus significados e que, ainda, em conjunto com os encontros físicos tão característicos de um ritual, auxiliam na manutenção e permanência do bordado manual e seus afetos em meio ao mundo automatizado.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS



6 CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Ainda que, segundo Han, a comunicação digital como um todo seja “descorporizada”⁴⁸, é possível pensar que o espaço da rede social não é afetivo, mas o conteúdo que se produz e com que se interage pode ser, mesmo na era dos vídeos de 15 segundos. Enquanto canais de comunicação com um potencial de alcance incomparável com as formas de troca offline, essas plataformas mostram que a intenção por trás do emissor da mensagem é o que dita o caráter da utilização. O alcance em massa das redes sociais representa uma faceta de dupla natureza, carregando consigo tanto o potencial construtivo quanto destrutivo. Por um lado, essas plataformas proporcionam uma conexão global sem precedentes, permitindo a disseminação rápida de informações, ideias e movimentos sociais. Elas têm o poder de unir comunidades, amplificar vozes e promover causas importantes. No entanto, essa mesma amplitude também traz consigo desafios significativos, já que as redes sociais podem ser utilizadas para disseminar desinformação, promover discursos de ódio e contribuir para a polarização e o esvaziamento de sentido. Assim, a dicotomia entre o positivo e o negativo reside na maneira como as redes sociais são empregadas. Cabe aos usuários, criadores de conteúdo e reguladores a responsabilidade de moldar um ambiente online saudável e positivo, onde o alcance em massa seja utilizado para fortalecer a sociedade em vez de dividi-la.

Nessa era digitalizada, testemunhamos uma fascinante reinvenção dos rituais e tradições, impulsionada pela ubiquidade das redes sociais. O ciberespaço se tornou um palco dinâmico onde as práticas culturais ganham nova vida, adaptando-se às transformações da sociedade contemporânea. Rituais que antes dependiam da proximidade física agora transcendem fronteiras geográficas, conectando pessoas de diferentes partes do mundo. Celebrações, cerimônias, ritos e técnicas ancestrais, como o bordado manual delineado neste trabalho, encontram uma plataforma global nas redes sociais, permitindo que sejam compartilhados, preservados e reinterpretados ao longo do tempo. Essa virtualização dos rituais não apenas preserva tradições, mas também as revitaliza, incorporando elementos modernos e possibilitando que sejam transmitidas de geração em geração de maneiras inovadoras. Assim, as redes sociais se tornam não apenas um meio de

⁴⁸ HAN, Byung-Chul, **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. São Paulo: Vozes, 2021, p.24-25

comunicação, mas um espaço dinâmico onde a rica tapeçaria das tradições culturais é tecida e renovada, transcendendo barreiras físicas e temporais.

Em setores como o das artes manuais, onde métodos tradicionais prevalecem, a não integração com as plataformas digitais pode levar à falta de interesse e recursos, dificultando a transmissão dessas habilidades para as gerações futuras. Portanto, a resistência excessiva à digitalização pode comprometer não apenas a viabilidade econômica dessas práticas, mas também a sobrevivência das tradições culturais que estão intrinsecamente ligadas a elas. Encontrar um equilíbrio entre preservar métodos ancestrais e incorporar ferramentas digitais pode ser crucial para garantir que essas práticas continuem a prosperar no mundo moderno. Como observado no caso do Clube do Bordado, unir o físico e o digital em prol da preservação e compartilhamento do conhecimento é o que garante a longevidade de técnicas que perderam espaço ou que foram ameaçadas por processos de mecanização. Esse grupo não apenas resgata a tradição do bordado manual, mas também a adapta ao cenário contemporâneo, transformando-a em uma prática dinâmica, relevante e acolhedora. Para além do fluxo sócia-cliente ou professora-aluna, os membros compartilham suas criações, trocam experiências e aprendem uns com os outros, criando uma comunidade vibrante que transcende fronteiras geográficas e carrega identidade própria. Essa abordagem integrada não só preserva a autenticidade da técnica ancestral, mas também a reinventa para atrair novas gerações. A interseção entre o físico e o digital, neste contexto, não é apenas uma estratégia eficaz de sobrevivência, mas também uma celebração da evolução cultural. Essa fusão permite que o conhecimento tradicional se mantenha vivo e se renove, garantindo que as habilidades transmitidas por gerações continuem a florescer em um mundo cada vez mais digitalizado.

REFERÊNCIAS

- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- COLETIVO BORDA PEÇAS QUE RETRATAM NUANCES DA SEXUALIDADE FEMININA. **Folha de SP**. São Paulo, agosto de 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/08/1494145-coletivo-borda-pecas-que-retratam-nuances-da-sexualidade-feminina.shtml>. Acesso em: 10 nov. 2023
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução. Eduardo Brandão. 2^a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HALBWACHS, Maurice., **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HAN, Byung-Chul, **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. São Paulo: Vozes, 2021.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.
- NASSAR, Paulo e FARIA, Luiz Alberto de e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia**. Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Tradução: Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002980493.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- ____ NASSAR, Paulo e RIBEIRO, Emiliana Pomarico. **Velhas e novas narrativas**. Estética, v.8, 2012. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002446300.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- OXFORD ENGLISH DICTIONARY**. Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/community_n?tab=meaning_and_use Acesso: 05 out. 2023.
- PEREIRA, Maria do Carmo Guimarães. **Bordado: sua história e seus silêncios**. Belo Horizonte, MG: Miguilim, 2023.
- SONHA EM ABRIR UM NEGÓCIO COM AS AMIGAS? CONHEÇA O CLUBE DO BORDADO. **Blog Ana Maria Braga**. 27/02/2018. Disponível em:

<https://anamariabraga.globo.com/materias/sonha-em-um-abrir-um-negocio-com-as-amigas-conheca-o-clube-do-bordado/?amp>. Acesso em 12 out. 2023.

VOGELSANG-EASTWOOD, Gillian, '**Embroideries from the tomb of Tutankhamun**', in: **Gillian Vogelsang-Eastwood** (ed.), Encyclopedia of Embroidery from the Arab World, London: Bloomsbury Academic, 2016.

APÊNDICE A - Transcrição de entrevista

ENTREVISTA N°1 COM SÓCIAS-FUNDADORAS

Tempo de gravação: 12 minutos e 03 segundos.

Data de realização: 20 de agosto de 2023

Entrevistadas: Laís Souza, Marina Dini, Renata Dania e Vanessa Israel, sócias-fundadoras do Clube do Bordado.

Obs. A entrevista teve algumas interrupções por ter sido gravada em um espaço público e aberto durante o encontro presencial em comemoração aos 10 anos do Clube do Bordado.

Mayara: Fiz um testezinho aqui, acho que rola. Primeiro, tudo bem se eu incluir citações de vocês no tema e, claro, dando os créditos para quem falou.

Laís: Claro

Vanessa: Sim, eu autorizo.

Laís: Eu, Laís, autorizo também.

Mayara: É, então para começar, vocês podem cada uma só falar o próprio nome, a profissão de formação e a profissão que se identifica agora? Profissão ou profissões se identifica agora.

Vanessa: Eu sou a Vanessa, sou formada em design de moda e hoje eu sou... o que?

Renata: Não sei, achei uma boa pergunta.

Vanessa: Sócia do Clube do Bordado, pode ser uma profissão?

Mayara: Perfeito

Laís: Empresária

Renata: Fala seu nome completo

Vanessa: Vanessa Israel de Souza

Renata: Eu sou a Renata Dania, eu sou formada em design de moda e hoje acho que eu coloco como profissão que eu sou empresária.

Mayara: Perfeito.

Marina: Eu sou Marina Dini Tavares, eu sou formada em design de moda e eu sou bordadeira e empresária.

Laís: É, eu sou a Laís de Souza. Minha formação é em design gráfico e, atualmente, empresária, né? Empresária e bordadeira, gostei que a Dini botou um “bordadeira” aí.

Mayara: essa já era minha segunda pergunta, assim, em que momento vocês passaram a se identificar como bordadeiras e por que? Qual foi o clique para vocês? O “acho que agora eu sou uma bordadeira”.

Renata: Para mim foi o Clube do Bordado. A partir do momento que a gente deu o nome, que foi bem rápido, no primeiro mês dos nossos encontros. A gente assim “Clube do Bordado”, e aí eu já falava que eu era bordadeira.

Vanessa: Eu também fui junto com o Clube, e eu lembro que as pessoas me falavam “Ah, então você é bordadeira” e eu ficava um pouco ofendida, porque esse termo não era uma coisa vazia pra mim assim. Me lembrava, sei lá, um trabalho muito difícil, sei lá, que eu via minhas avós fazendo e tal. Eu ficava “ai, mas será que não tem outra palavra?”. Mas eu ressignifiquei muito o termo, mas é isso. Eu já me via muito bordadeira, tanto que batia muito em isso assim.

Laís: Eu acho que foi a partir do Clube do Bordado mesmo, mas eu acho que mais quando o Clube do Bordado começou a virar um negócio assim, porque no começo era muito nosso encontro de amigas e aí eu não me considerava muito bordadeira porque eu aprendi a bordar no clube do bordado. Então eu acho que eu me considerava bordadeira aprendiz, assim. Não era uma bordadeira como uma profissão. E aí eu acho que quando a gente começou a dar aula de bordado, aí esse termo veio como uma coisa identitária mesmo, sou uma bordadeira.

Mayara: Marina quer complementar?

Marina: ai gente, não ouvi a, eu estava conversando com a Rita aqui.

Renata: A pergunta era, quando que você se você se identificou como bordadeira?

Mayara: É, quando você passou a se considerar bordadeira e por que, qual foi o clique.

Marina: Nossa, não sei. Acho que bordadeira é bem recente, na verdade. Não sei, gente, eu me sentia mais empresária do que bordadeira. Não sei. Eu me sentia professora do que bordadeira. Eu acho que... Não sei qual foi o momento, mas eu sinto que quando eu estou em fase que eu não bordo muito, que acontece, eu não me sinto tão bordadeira. Eu me sinto bordadeira quando eu estou assim, ó, mergulhada bordando um monte, todos os dias, se não eu me sinto outras coisas que não bordadeira. Mas eu não sei quando que foi o clique.

Mayara: Tá ótimo. E bom, a história do Clube em si eu já conheço porque acompanho vocês desde sempre. Eu vou pro lado um pouco mais organizacional. Quando que o Clube passou a ser empresa, passou a ser CNPJ? Faz 10 anos ou não?

Renata: Então, não. Na verdade, em 2014, a gente começou a atuar como empresa, mas a gente tinha várias MEIs.

Laís: Era quase como uma corporativa assim.

Renata: É, cada uma tinha suas MEIs individuais, então a gente ia fechando os trabalhos, prestações de serviços, essas coisas, e a gente ia distribuindo nas nossas MEIs. Aí um único CNPJ mesmo, que a gente virou limitada, foi em 2019.

Mayara: E desde o começo do Clube vocês se preocupam em planejar a comunicação? Sempre foi uma coisa pensada?

Renata: Sim, sim, desde o dia 1. Na verdade é isso assim, né? A gente começou se encontrando em casa para bordar, a gente ficou 9 meses se encontrando como hobby e aí veio um convite pra gente participar de uma feira. E aí pra gente se inscrever na feira, a gente tinha que ter o “@” do Facebook, tinha que ter um e-mail. A gente criou as coisas porque precisava para se inscrever na feira, e desde o dia que a gente criou as redes a gente já começou a fazer planejamentos e pensar em postar e comunicar, etc.

Interrupção - neste momento a entrevista foi interrompida brevemente por Rita Resende, uma das seguidoras e alunas entrevistadas que compareceu ao encontro e levou pequenos presentes feitos à mão para as sócias-fundadoras em comemoração aos 10 anos do Clube do Bordado.

Mayara: E aí, vamos lá, o Clube está completando 10 anos, tem mais de 250000 inscritos no YouTube, mais de 280000 seguidores no Instagram, programa de

assinatura, grupo de bordetes eu vejo muita mensagem do impacto que o clube teve nas vidas de muitas pessoas, principalmente mulheres, que abraçaram o bordado como hobby, como renda extra, como profissão principal, até terapia. E aí, pra além da empresa CNPJ, vocês acreditam que o clube virou uma comunidade?

Interrupção - Nesse momento houve uma breve interrupção para que as entrevistadas pudessem recepcionar outras seguidoras que chegaram para o encontro.

Renata: Sim, acho que é uma comunidade muito forte.

Laís: Ah, com certeza.

Mayara: Verdade, faço parte.

(Risos)

Laís: Inclusive, acho que sempre foi um desejo também, né, Rê? Estimulado assim por esse lance da assinatura também. Primeiro que o nome sempre foi Clube do Bordado, né? E aí as pessoas confundiam muito.

Renata: Falando “quero participar desse clube, como faço parte do clube?”

Laís: E a gente assim: “não, gente, desculpe. Tem um problema aí com o nome”

Vanessa: Mas era uma pequena comunidade de 6 pessoas também, né?

Renata: Sim

Laís: Sim. E a gente viu o impacto que isso teve nas nossas vidas, né, da gente fechar essa comunidade focada no bordado, o quanto isso ajudou a gente. E aí eu acho que veio também muito esse desejo que isso fosse uma coisa expandida assim. Do quanto que isso faz bem, né? Se reunir com as pessoas. Para fazer qualquer coisa, mas para fazer bordado é mais legal.

Mayara: É, e aí, no crescimento dessa comunidade, com esses números todos que eu falei, vocês acham que é... Qual foi o papel das redes sociais? Porque aqui, a gente, isso aqui é basicamente um ritual, do ponto de vista da comunicação, isso é um ritual. E geralmente o ritual está atrelado a um espaço físico, seja uma igreja, um clube, um espaço comunitário, e acho que as redes sociais tomaram um pouco esse espaço, viraram um pouco esse espaço. O que vocês acham? Como vocês veem as redes sociais frente este resgate assim da tradição?

Renata: Não, eu acho que as redes sociais foram o nossa principal, o nosso principal meio de comunicação, de aproximação com nosso público.

Laís: Acho que nasceu nas redes sociais, né?

Renata: Sim. É isso. O clube nasceu lá.

Mayara: Maravilha, e vocês acham... não tem resposta certa ou errada, vocês acham que o virtual chega a superar o físico ou isso aqui é insubstituível?

Renata: Eu acho que são coisas diferentes. Eu acho que o virtual nos possibilita um alcance infinitamente maior do que o físico. Isso, a gente viveu na pele isso assim, até essa coisa dos cursos, quando a gente dava os cursos presenciais, a gente conseguia dar aula para 20 pessoas, no máximo, no físico, mas aí no online a gente consegue ganhar uma outra escala. Acho que é a mesma coisa com o contato com as pessoas. Mas o contato físico faz falta e é um outro tipo de aproximação. Acho que são coisas diferentes e complementares.

Mayara: Legal. E, última pergunta essa, através do bordado, que é uma técnica tradicional, vocês sempre abordaram pautas como o feminismo, por exemplo. Vocês acreditam que isso é uma forma de ressignificação, de construção de novas narrativas para o trabalho manual? O trabalho manual está ganhando narrativas novas?

Renata: Eu acho que o trabalho manual, falando especificamente do bordado, ele é uma forma de se comunicar, de comunicar coisas, e acho que a gente comunica as questões que nos afligem, as questões que nos rodeiam nesse momento, né? Acho que no nosso momento contemporâneo, eu acho que hoje a gente já vive um cenário muito diferente de 10 anos atrás, quando a gente começou, porque a gente tinha uma outra relação com o feminismo. Eu acho que no momento a gente tem outras pautas que estão interferindo nas questões de feminismo também, relacionados com transições de gênero, pessoas não-binárias, mudanças na linguagem, e a gente tem tentado acompanhar e ir adaptando essas questões de acordo com os nossos ideais também no Clube. Mas eu acho que a gente sempre fez muita questão, né? De trazer questões importantes para a gente, políticas, econômicas, sociais, através do nosso trabalho. O que algumas vezes representa um ônus, mas, na maioria das vezes, representa mais um bônus, porque a gente quer estar alinhado com as pessoas que acompanham o nosso trabalho também. Óbvio que a gente tem um objetivo

comercial, né? A gente precisa vender, é o nosso sustento, é o nosso negócio, mas não faz sentido pra gente também se distanciar tanto dos nossos ideais assim.

Vanessa: Eu acho que é um jeito de se comunicar muito leve, porque a gente pode falar o que a gente quiser no bordado, porque não tem uma agressividade, as pessoas não se fecham. É muito difícil ter um post nosso que as pessoas que as pessoas falem “deixando de seguir em 3, 2, 1”. Às vezes tem.

Renata: Às vezes tem (risos)

Vanessa: Mas em geral a gente consegue falar sobre o que a gente quiser, porque o bordado ele baixa a guarda. Então é muito proveitoso pra gente entrar nesses espacinhos que o bordado deixa assim, a gente usa bastante disso, e muito propositalmente assim. A gente, quando tá criando as ilustrações a gente fala “meu, não, não dá para ser esse corpo, vamos fazer uma pessoa mais diversa”

Renata: É, é tudo intencional.

Vanessa: “Está faltando isso, está faltando aquilo. Ai, nunca ilustramos uma pessoa com Síndrome de Down, tem que ter” e aí a gente tenta sempre ir colocando um pouquinho de tudo, porque é super possível.

Renata: É, sem ser agressivo ou sem ser, sabe? Impositivo, a gente vai comendo pelas beiradas assim eu acho, né?

Vanessa: O agressivo e o impositivo é necessário também, né? Mas acho que não é a nossa estratégia.

Renata: Não é.

Mayara: Muito obrigada, gente. Nossa, vai ser ótimo.

Renata: Magina!

APÊNDICE B - Transcrição de entrevista

ENTREVISTA N°2 COM SEGUIDORAS/ALUNAS

Tempo de gravação: 03 minutos e 37 segundos.

Data de realização: 20 de agosto de 2023

Entrevistadas: Rita Resende e Sara Redivo, seguidoras e alunas do Clube do Bordado.

Mayara: Eu vou pedir a primeiro para vocês falarem o nome de vocês e profissão que vocês se identificam, bordadeira ou não. Pode começar, por favor.

Rita: Meu nome é Rita, eu sou professora de bordado.

Sara: É, eu sou a Sara, eu sou psicóloga. É, eu me identifico mais assim. Já me chamei de bordadeira por um tempo, mas agora é mais hobby mesmo.

Mayara: E há quanto tempo vocês têm contato com o Clube do Bordado?

Sara: Desde 2016, aprendi a bordar com vídeos do Clube. Primeiro, acho que foi isso, 2016.

Mayara: E você, Rita?

Rita: É, eu tenho contato com o Clube, foi pelo YouTube. Acho que desde 2008, se eu não me engano, mas eu aprendi a bordar desde a infância com a minha avó.

Mayara: Ah, era uma das minhas perguntas, se vocês já tinham tido contato com o bordado antes de encontrar o Clube.

Sara: Com o bordado, não. Assim, minha avó por parte de pai, ela faz muito crochê e tricô. É, então, e sempre cresci assim com coisas manuais. Sempre gostei de fazer, meu pai, meu avô faz coisa de marcenaria e tal, mas bordado mesmo, não.

Mayara: Você já, né, Rita?

Rita: É desde a infância, é.

Mayara: Como vocês chegaram no Clube do Bordado? Foi pelas redes sociais mesmo ou alguém que indicou?

Rita: É, o meu foi pelo YouTube mesmo, que eu queria lembrar os pontos, aí eu chamei lá no YouTube e apareceu.

Sara: Ah, eu não lembro. Eu acho que foi no Instagram, Instagram e YouTube. Eu não sei qual que veio primeiro, na verdade, mas tá meio junto.

Rita: Não foi 8 não, ó corrige aí, não foi 2008, não, 2018.

Mayara: 2018? Perfeito. Vocês já fizeram curso com elas? Tanto os cursos presenciais quanto online.

Sara: Eu já fiz online.

Rita: É, presencial não, só online.

Mayara: Vocês fazem parte da assinatura das Bordetes?

Rita: Sim.

Sara: Sim.

Mayara: Sim? Tá bom. É, e bom, a gente sabe, né? As meninas sempre comunicam, o Clube Bordado é uma empresa, né? Pra Elas, elas são uma empresa, mas vocês veem o clube como comunidade também? Pra além de uma empresa.

Rita: Eu vejo. Eu acho que eu vejo mais como comunidade do que empresa. Porque a gente acaba conhecendo um monte de gente, né?

Sara: Também vejo assim. Ah, eu acho que o nome, né? Assim, é muito convidativo, né? Clube do Bordado, sabe? Ah, eu também quero, como se fosse “Ah, o clube do livro”. Não, é o Clube do Bordado, parece que você está se reunindo com amigas, assim pra bordar.

Rita: É, isso, pra bordar.

Mayara: Então vocês acham que o ambiente virtual foi essencial para vocês conseguirem chegar nessa comunidade? Foi o caminho de vocês?

Rita: É, acho que foi. E aí depois, quando veio a pandemia, aí acho que foi um gatilho.

Sara: Aí fortaleceu, é porque não podia sair já que não podia sair se encontrar.

Rita: É, fortaleceu, porque não podia sair.

Mayara: E pra vocês, vocês acham que o ambiente virtual supera isso aqui? Este encontro físico, né?

Rita: Não, tanto que eu não gosto de dar aula online. Eu só dou aula presencial.

Sara: Acho que não substitui, não. É legal, mas tem essas limitações também, né?
E aí poder encontrar pessoalmente assim faz diferença, né?

Mayara: Beleza era isso. Muito obrigada, viu?

Sara: Obrigada, boa sorte no trabalho.

Mayara: Obrigada!